

Manuel Francisco Vitart da Costa Aguiar

**AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE NELSON RODRIGUES:
UMA LEITURA ENSAÍSTICA**

Florianópolis

2017



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo

Manuel Francisco Vitart da Costa Aguiar

**AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE NELSON RODRIGUES:
UMA LEITURA ENSAÍSTICA**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão
da Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título de
Bacharel/Licenciado em Jornalismo
Orientadora: Prof^ª. Dra. Daisi Vogel

Florianópolis

2017

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram na realização deste trabalho. Minha sincera gratidão a todas. Algumas envolvidas mais proximamente merecem referência especial:

Daisi Vogel orientou meu desejo de escrever sobre Nelson Rodrigues com muita gentileza e de forma determinante neste trabalho.

Luís Augusto Fischer foi muito generoso em todas as trocas de e-mail.

Daiane Bertasso apresentou-me os caminhos seguros para a produção monográfica.

Mauro Silveira me oportunizou bons textos jornalísticos e boas conversas sobre Nelson Rodrigues.

Fernando Crocomo me aclarou muitas dúvidas neste percurso monográfico.

Os amigos do curso me proporcionaram muitas alegrias.

Os bibliotecários da Universidade Federal de Santa Catarina foram precisos em minhas indagações, especialmente Ricardo.

Os funcionários da Copiadora 4 Irmãos mostraram diligentes em meus apuros.

Finalmente, agradeço imensamente à minha família por seu amor inenarrável, por me apresentar a Deus e a Nossa Senhora, auxiliadora eterna.

“No futebol, o pior cego é o que só vê a bola”

(Nelson Rodrigues)

RESUMO

Este trabalho questiona a possibilidade de as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues terem caráter de ensaio literário, tendo o livro *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta* (2009), de Luís Augusto Fischer, como referência de estudo. Apresento um breve histórico da crônica e do ensaio, bem como identifico os traços que os caracterizam como gêneros literários distintos. Faço então um cotejo de cinco notórias crônicas esportivas de Nelson com as características do ensaio literário apontadas por Fischer. Finalmente, teço considerações acerca da condição de ensaio literário, ou não, das crônicas esportivas de Nelson.

Palavras-chave: Jornalismo. Nelson Rodrigues. Crônica esportiva. Ensaio literário.

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2017	
ALUNO	Manuel Francisco Vitart da Costa Aguiar	
TÍTULO	As crônicas esportivas de Nelson Rodrigues: uma leitura ensaística	
ORIENTADORA	Daisi Vogel	
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ()	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo, Nelson Rodrigues, Crônica esportiva, Ensaio literário.	
RESUMO	Este trabalho questiona a possibilidade de as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues terem caráter de ensaio literário, tendo o livro Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta (2009), de Luís Augusto Fischer, como referência de estudo. Apresento um breve histórico da crônica e do ensaio, bem como identifico os traços que os caracterizam como gêneros literários distintos. Faço então um cotejo de cinco notórias crônicas esportivas de Nelson com as características do ensaio literário apontadas por Fischer. Finalmente, teço considerações acerca da condição de ensaio literário, ou não, das crônicas esportivas de Nelson.	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A TESE DE LUÍS AUGUSTO FISCHER.....	11
1.1 Crônica.....	11
1.2 Ensaio.....	16
1.2.1 Coragem para a confissão.....	18
1.2.2 Trivialidade inicial, profundidade final.....	19
1.2.3 Esforço para diagnosticar o presente.....	21
1.2.4 Postulação do leitor.....	22
1.2.5 Humor.....	23
1.2.6 Linguagem livre.....	24
1.2.7 Unidade.....	25
2. AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE NELSON RODRIGUES.....	28
2.1 Complexo de Vira-Latas.....	29
2.2 A realeza de Pelé.....	31
2.3 O "Possesso".....	33
2.4 Sobrenatural de Almeida.....	36
2.5 Um escrete de feras.....	38
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Na aula de Redação VII, do Curso de Jornalismo da UFSC, o professor Mauro Silveira sugeriu aos alunos que assistissem o documentário sobre a vida do jornalista Joel Silveira chamado *Garrafas ao mar: A vida manda lembranças*, produzido por Geneton Moraes (2013).

Assisti o documentário e me afeiciei à figura de Joel Silveira. Contudo, as aparições e expressões homéricas de Nelson Rodrigues, para mim, roubaram a cena. Não conhecia muita coisa do mais passional de todos os jornalistas. Li *O Beijo no Asfalto* (RODRIGUES, 2007) e algumas histórias do folhetim *Meu destino é Pecar* (RODRIGUES, 2007). Decidi ir a fundo, e o tom de ironia e humor em outros textos de Rodrigues me assaltou para valer. As frases do dramaturgo giraram como um peão dentro da minha cabeça, *de forma óbvia e ululante* – parafraseando Nelson, uma máquina de aforismos.

As personagens da coluna “A Vida Como Ela É...” publicadas a partir de 1951, em *Última Hora*, retratavam de forma dramática as paixões humanas. As histórias de adultérios, assassinatos e pecados chocavam a sociedade carioca, que paradoxalmente não conseguiam parar lê-las. *A dama da lotação* (RODRIGUES, 2012) estava em cada ponto de ônibus à espera do regresso para casa, e quem sabe, de um convite furtivo.

A passionalidade de Nelson dava, facilmente, lugar às suas compulsões. Na coluna “Confissões”, publicadas em *O Globo* em 1967, o cronista “comprava briga com os padres de passeata [...]; o *Jornal do Brasil* [...]; as estudantes de psicologia PUC; os sociólogos; as grã-finhas amantes espirituais de Guevara [...]; Jean-Paul Sartre e Bertrand Russel [...]” (CASTRO, 1997, p. 375). A lista de adversários do jornalista enchia pelo menos um dos setores do Maracanã, e suas marteladas datilográficas demoliam o que vinha pela frente. Porém, o biógrafo Ruy Castro (1997, p. 375) fez uma ressalva importante quanto às implicâncias de Nelson: “Não que eles também não se irritassem com o que Nelson escrevia. Mas todos estavam cansados de saber que era do seu estilo alimentar-se periodicamente de certas obsessões.”

Dos jornais aos palcos, Nelson causou rebuliço por onde passou. A obra teatral de Nelson marcou para sempre a dramaturgia brasileira. A peça *Vestido de Noiva* (1943) é considerada o marco zero na renovação teatro brasileiro, segundo Antunes Filho (2010). Das cortinas vermelhas para as telas foi um pulo, as adaptações das obras para a teledramaturgia fizeram um enorme sucesso, como *Sonho de Amor* (1964) na TV Rio. Poucos autores influenciaram tanto o Cinema Novo quanto Nelson Rodrigues, foram cinco décadas (1952-

1999) de relações entre cinema e literatura dramática, o que resultou em cerca de 20 filmes produzidos sob a ótica “rodrigueana” (XAVIER, 2003, p. 8).

Minha vontade de conhecer o pai de *Bonitinha, mas ordinária* tornou-se grande. Por isso, escolhi Nelson Rodrigues para o meu projeto monográfico e para madrugadas a fio com seus textos. A opção foi, especificamente, pelas crônicas por motivos jornalisticamente intuitivos.

Segundo Ruy Castro, é impossível compilar toda a obra de Nelson Rodrigues. Foram 55 anos de prática jornalística. Só em *A vida como ela é...*, o pernambucano escreveu cerca de 2 mil crônicas, e incrivelmente, o jornalista usava apenas os dois indicadores para datilografar (CASTRO, 2012). Talvez tenham sido os indicadores mais fortes e doloridos das redações brasileiras.

Inalei uns bons ácaros, da biblioteca, para tentar refinar o universo de Nelson e a constelação de trabalhos acadêmicos já produzidos sobre ele e seus textos. Nenhum flerte das capas-duras. *Em uma tarde de rachar catedrais* – possivelmente fui contaminado pela *ácaro-aforista* de *A cabra vadia* – encontrei um artigo na internet, da *Zero Hora*, com o título: *Estudo dedica atenção inédita a crônicas de Nelson Rodrigues (2009)*. Pronto. Ganhei mais um amigo: Luís Augusto Fischer, que leciona Literatura Brasileira na UFRGS e publicou, em livro, sua tese de doutorado: *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta (2009)*. Seguem as palavras de Fischer sobre o objeto da análise:

O caso, então, é estudar o Nelson Rodrigues cronista, mais especificamente o das Confissões, título em geral que engloba cinco livros: *O óbvio ululante*; *A cabra vadia*; *O reacionário*; a nova antologia organizada por Ruy Castro e não editada em volume pelo autor, *O remador de Ben-Hur*; e as *Memórias de A Menina sem estrela*. Em plano secundário, entram as crônicas de futebol de *À sombra das chuteiras imortais* e de *A pátria em chuteiras*, além de frases escolhidas também por Ruy Castro e editadas no volume *Flor da obsessão*. Mais ao fundo, entra em conta a obra de Nelson em geral, dos contos e narrativas de carregada passionalização, como os editados pelo mesmo Ruy Castro e mais ainda aqueles que foram recentemente recuperados e repostos em circulação por Caco Coelho, chegando ao magnífico e já reconhecido teatro (ver na Bibliografia a relação completa da obra de Nelson Rodrigues). (FISCHER, 2009, fl. 9)

Ao longo da tese, Fischer confronta as crônicas de Nelson com a tradição do ensaio, e conclui que os textos são ensaios literários. O autor está convicto desse caráter, bem como

da excepcionalidade do trabalho de Nelson: “só quando ele estourar na França, na Inglaterra, é que nós vamos admitir” (FISCHER, 2009, pg.11).

Contudo, Fischer esclarece que examinou “em plano secundário” as crônicas esportivas. De fato, ele inclui apenas uma crônica esportiva, *É chato ser brasileiro!* (FISCHER, 2009, pgs. 190-191), no corpus da análise. Decidi. Iria verificar se Nelson foi um “ensaísta esportivo”, a partir do estudo de Fischer, ou se a verve do ensaio está distante da crônica esportiva de Nelson.

Esta pesquisa parte, portanto, da leitura realizada por Fischer para pensar o caráter ensaístico da crônica esportiva de Nelson. Essas crônicas foram compiladas e estão hoje reunidas nestes quatro volumes:

- Rodrigues, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol; seleção e notas Ruy Castro: São Paulo: Companhia das Letras, 1993;
- Rodrigues, Nelson. **A Pátria em chuteiras**: a pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol; organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994;
- Rodrigues, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007;
- Nelson, Rodrigues. **A Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2103.

Esses volumes são as mais significativas compilações disponíveis. Neles, selecionei cinco crônicas como amostragem para meu estudo. A seleção se deu pela notoriedade dedicada aos textos. São eles: “Complexo de Vira-Latas”; “A realeza de Pelé”, “O Possesso”; “Sobrenatural de Almeida” e “Um escrete de feras”.

O estudo será fundado na tese de Fischer e nos teóricos referidos por ele, como Georg Lukács e Walter Benjamin. Ainda, farei incursões em outros especialistas em teoria literária, como Massaud Moisés e Sílvio de Lima. Sem dúvida, me debruçarei sobre as publicações de Ruy Castro, um dos maiores especialistas na produção jornalística de Nelson. O professor José Carlos Marques publicou outro importante estudo, *O futebol em Nelson Rodrigues (2012)*, no qual discorre sobre os diálogos que as crônicas do jornalista fazem com temas que ultrapassam o futebol, e que serão válidos nesta monografia. Em 2012, Nelson completaria 100 anos, oportunidade em que foram realizados inúmeros programas,

reportagens e especiais sobre o jornalista. *Ocupação Nelson Rodrigues (2012)* é de inegável grande qualidade.

Gosto de Nelson e futebol. O palco jornalístico de Nelson Rodrigues é a crônica. Nunca se discutiu, até onde consegui verificar, se o caráter ensaístico está presente nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. O próprio Fischer, em sua tese, alega que as crônicas esportivas foram contempladas “em plano secundário” (FISCHER, 2009, p. 9). Por isso, escolhi esta lacuna para estudo. Meu objetivo é verificar se as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues podem ser lidas dentro da tradição do ensaio literário. Para isso, faço um cotejo entre as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues e os textos de Nelson estudados na tese de Luís Augusto Fischer.

Esta monografia está estruturada em três partes, sendo a última delas as considerações finais. Na primeira parte, apresento os pontos centrais da tese de Fischer, fazendo um resgate histórico da crônica e apontando suas características e, na sequência, mostrando o surgimento do ensaio e seu criador. Ao final dessa parte, indico os traços do ensaio e os cotejos dessas características com as crônicas de Nelson, conforme apresentado por Fischer. Na segunda parte, realizo um confronto das características do ensaio, tais como indicadas por Fischer, com as cinco crônicas esportivas de Nelson selecionadas por mim. Nas considerações finais, faço posicionamentos sobre a natureza, ou não, das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues.

1. A TESE DE LUÍS AUGUSTO FISCHER

Apresento, aqui, as ideias centrais da tese de doutorado *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta (2009)*, defendida, em 1998, por Luís Augusto Fischer. Procuo reter os conceitos da crônica e do ensaio, bem como apontar suas dessemelhanças.

Para Fischer, a crônica é “prima-irmã” do ensaio, entretanto entre ambas há notáveis diferenças. Ele demarca as particularidades de cada gênero, porém concentra esforços nas características do ensaio, vez que o grande mote de sua tese é sustentar a qualidade de ensaio literário nas crônicas de Nelson.

Sigo a trilha deixada por Fischer, apresento o histórico da crônica e os traços que a caracterizam. De igual forma, faço com o ensaio. Entretanto, debruço-me com mais afinco nesse último gênero. Ainda, no espaço destinado ao ensaio apresento os cotejos realizados por Fischer, os quais justificam o caráter de ensaio nas crônicas de Nelson.

Cumpré ressaltar que neste capítulo irei me ater, tão somente, ao material de estudo da tese. Invariavelmente, reproduzirei os argumentos e as citações de críticos literários apresentados por Fischer, cujos trabalhos estarão dispostos nas referências, conjuntamente com os autores escolhidos por mim para serem trabalhados nos capítulos subsequentes.

Dadas essas considerações iniciais, vamos à crônica.

1.1 Crônica

A crônica nasceu no domínio da História como uma narrativa dos fatos. Na Espanha, no século XIV, a crônica foi escrita na forma de romance e canto para narrar as origens e grandes feitos do reinado, como a *Crónica Geral de Espanha (1344)*. Em Portugal, no século XV, as crônicas épicas de Fernão Lopes (1380-1460), sobre a vida dos monarcas portugueses, tornaram-se populares e contribuíram para a fundação da língua portuguesa. Na França, entre os séculos XIV e XV, a característica de relato histórico manteve um tom que prevalecia a narrativa pessoal e memorialista do escritor.

A ideia de crônica como narração histórica se manteve até o seu encontro com o jornalismo, o que se deu em diferentes épocas e circunstâncias no mundo. No Brasil, o gênero, conservou seu significado original até o século XIX, conforme a edição do *Dicionário Moraes (1844)*, estudada por Fischer.

Em 1852, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou pela primeira vez uma crônica em um jornal. O texto foi escrito pelo poeta Francisco Otaviano de Almeida

Rosa (1825-1889). Rapidamente, o gênero encontrou terreno fértil no jornalismo, especialmente entre os romancistas, como Manuel Antônio de Almeida, que a escrevia na forma de romance urbano ou de costumes, nos folhetins do século XIX. Outro romancista, José de Alencar (1829-1877), manteve nos jornais cariocas a coluna¹ “Ao correr da pena”, na qual tratava de temas diversos, como bailes, vida teatral e política. Em seguida, ainda no século XIX, Machado de Assis refletiu sobre a condição de “colibri” do folhetinista, pois este paira sobre múltiplos temas, ao seu próprio sabor, sem a obrigação de deter-se a nenhum assunto específico. Todavia, lança críticas àqueles folhetinistas que se distanciavam de uma identidade nacional.

A crônica, quando desembarcou no Brasil, seguiu um caminho próprio até aclimatar-se a terra, o que levou a uma inevitável diferenciação das matrizes de outros países. No Brasil, surgiram duas modalidades: a crônica que se submete aos fatos, e que pretende fornecer material aos historiadores; e a crônica jornalística que se serve dos fatos como pretextos para divagações que escapam à ordem dos tempos. O estudo de Fischer se atém à segunda modalidade.

Fischer transita por uma grande quantidade de “cultores da crônica” (Carlos Drummond, Antônio Maria, Paulo Mendes Campos e outros), bem como pela importância histórica do “abrasileiramento” da língua portuguesa proporcionado pelo gênero, para fixar-se demoradamente em Rubem Braga. Um dos maiores nomes da crônica no país, Braga iniciou o ofício de cronista nos anos 1930. É um dos únicos escritores a entrar no primeiro time da literatura nacional tendo escrito somente crônicas (FISCHER, 2009, p. 80). O texto posto para análise é um dos grandes exemplares de Braga, “O Conde e o Passarinho” (1935), que reproduzo a seguir:

Conde Matarazzo é um Conde muito velho, que tem muitas fábricas. Tem também muitas honras. Uma delas consiste em uma preciosa medalhinha de ouro que o Conde exibia à lapela, amarrada a uma fitinha. Era uma condecoração (sem trocadilho).

Ora, aconteceu também um passarinho. No parque havia um passarinho. E esses dois personagens – o Conde e o passarinho – foram os únicos da singular história narrada pelo Diário de São Paulo.

Devo confessar preliminarmente que, entre um Conde e um passarinho, prefiro um passarinho. Torço pelo passarinho. Não é por nada. Nem sei mesmo explicar essa

¹ Chamarei de coluna o espaço no jornal dedicado a um cronista, à época a nomenclatura não existia.

preferência. Afinal de contas, um passarinho canta e voa. O Conde não sabe gorjear nem voar. O Conde gorjeia com apitos de usinas, barulheiras enormes, de fábricas espalhadas pelo Brasil, vozes dos operários, dos teares, das máquinas de aço e de carne que trabalham para o Conde. O Conde gorjeia com o dinheiro que entra e sai de seus cofres, o Conde é um industrial, e o Conde é Conde porque é industrial. O passarinho não é industrial, não é Conde, não tem fábricas. Tem um ninho, sabe cantar, sabe voar, é apenas um passarinho e isso é gentil, ser um passarinho.

Eu quisera ser um passarinho. Não, um passarinho, não. Uma ave maior, mais triste. Eu quisera ser um urubu.

Entretanto, eu não quisera ser Conde. A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser Conde. Não amo os Condes. Também não amo os industriais. Que eu amo? Pierina e pouco mais. Pierina e a vida, duas coisas que se confundem hoje, e amanhã mais se confundirão na morte.

Entendo por vida o fato de um homem viver fumando nos três primeiros bancos e falando ao motorneiro. Ainda ontem ou anteontem assim escrevi. O essencial é falar ao motorneiro. O povo deve falar ao motorneiro. Se o motorneiro se fizer de surdo, o povo deve puxar a aba do paletó do motorneiro. Em geral, nessas circunstâncias, o motorneiro dá um coice. Então o povo deve agarrar o motorneiro, apoderar-se da manivela, colocar o bonde a nove pontos, cortar o motorneiro em pedacinhos e comê-lo com farofa.

Quando eu era calouro de Direito, aconteceu que uma turma de calouros assaltou um bonde. Foi um assalto imortal. Marcamos no relógio quanto nos deu na cabeça, e declaramos que a passagem era grátis. O motorneiro e o condutor perderam, rápida e violentamente, o exercício de suas funções. Perderam também os bonés. Os bonés eram os símbolos do poder.

Desde aquele momento perdi o respeito por todos os motorneiros e condutores. Aquilo foi apenas uma boa molecagem. Paciência. A vida também é uma imensa molecagem. Molecagem podre. Quando poderás ser um urubu, meu velho Rubem?

Mas voltemos ao Conde e ao passarinho. Ora, o Conde estava passeando e veio o passarinho. O Conde desejou ser que nem o seu patrício, o outro Francisco, o Francisco da Umbria, para conversar com o passarinho. Mas não era aquele, o São Francisco de Assis, era apenas o Conde Francisco Matarazzo. Porém, ficou encantado ao reparar que o passarinho voava para ele. O Conde ergueu as mãos, feito uma criança, feito um santo. Mas não eram mãos de criança nem de santo, eram mãos de Conde industrial. O passarinho desviou e se dirigiu firme para o peito do Conde. Ia bicar seu coração? Não, ele não era um bicho grande de bico forte, não era, por exemplo, um urubu, era apenas um passarinho. Bicou a fitinha, puxou, saiu voando com a fitinha e com a medalha.

O Conde ficou muito aborrecido, achou muita graça. Ora essa! Que passarinho mais esquisito!

Isso foi o que o Diário de São Paulo contou. O passarinho, a esta hora assim, está voando, com a medalhinha no bico. Em que peito a colocareis, irmão passarinho? Voai, voai, voai por entre as chaminés do Conde, varando as fábricas do Conde, sobre as máquinas de carne que trabalham para o Conde, voai, voai, voai, voai, passarinho, voai. (BRAGA, 2004, pgs.23-24)

O texto apresenta grandes características do gênero tal como ele é conhecido hoje: assunto trivial alçado ao primeiro plano pela reflexão, texto leve, sem grandes voos sintáticos ou semânticos, breve comentário e alguns traços de lirismo ingênuo (FISCHER, 2009, p.82). Destacados esses pontos, vamos analisar cada uma dessas características.

A trivialidade do tema passa pelo fato de um passarinho puxar a medalhinha da lapela de um conde. Por mais que o conde seja um importante industrial, Francisco Matarazzo, uma medalhinha de ouro perdida para um passarinho não possui repercussões sociais de grande monta. Todavia, a situação pode sugerir uma reflexão na investida de um frágil passarinho contra um rico industrial, ou do fraco contra o forte, como sugere Fischer: “oposição entre conde/motorneiro/autoridade/truculência versus o passarinho/o cronista pobrezinho e rebelde/gentileza [...]” (FISCHER, 2009, p.86).

A linguagem utilizada é de fácil compreensão, lembra a de um narrador de fábulas infantis: “Acontece que o conde estava passeando” nos transmite a sensação de “Era uma vez um conde que passeava” (FISCHER, 2009, p.84). A ideia de fábula infantil também é reforçada pela constante repetição de palavras: “Voai, voai, voai, entre as chaminés do conde, varando as fábricas do conde, sobre as máquinas de carne que trabalham para o conde, voai, voai, voai, voai, passarinho voai.”

A presença do cronista no texto é um traço do gênero. Na crônica em questão, Braga torna-se evidente nos breves comentários: “Entretanto, eu não quisera ser conde. A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser conde. Não amo os condes. Também não amo os industriais. Que eu amo? Pierina e pouco mais”. Porém, o caráter dos comentários é de “observação” e não de “julgamento”, pois a crônica: “nivela todas as coisas, resumindo-as ao âmbito de visão de um comentário que jamais duvida de seus fundamentos e jamais relata mudança forte na vida do cronista” (FISCHER, 2009, p. 107).

O desfecho também segue o tom de lirismo ingênuo: “O conde ficou muito aborrecido, achou muita graça. Ora essa! Que passarinho mais esquisito! [...] O passarinho, a esta hora assim, está voando, com a medalhinha, no bico. Em que peito a colocareis, irmão passarinho?”. Para Fischer, o texto de Braga permanece na crítica plana sobre o óbvio e

ameno, tal como é a característica da crônica. Não há nenhuma consideração sociológica sobre o abismo social, econômico e político entre o conde e o motoneiro. Há uma recusa em não adentrar o presente, porventura cruel e absurdo, e uma fuga em direção à infância e natureza primitiva. Ainda, segundo Fischer, o leitor termina com o texto com a certeza de que o mundo é assim mesmo: “só nos resta fugir para uma lonjura como a dos oito anos de Casimiro de Abreu, como a das cidadezinhas pequenas de Mário Quintana, como esse céu de Rubem Braga” (FISCHER, 2009, p. 87).

A crônica “O conde e o Passarinho” não contempla todas as características que Fischer gostaria de investigar. Para tanto, ele escolhe outra crônica de Braga, “Mestre Aurélio entre as palavras” (1966), para explorar outro traço do gênero: o cômico.

Ora, resolvi enriquecer o meu vocabulário e adquiri o livro *Enriqueça o seu Vocabulário* que o sábio Professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira fez, reunindo o material usado em sua página de *Seleções*.

Afinal de contas nós, da imprensa, vivemos de palavras; elas são nossa matéria-prima e nossa ferramenta; pode até acontecer (pensei eu) que, usando muitas palavras novas e bonitas em minhas crônicas, elas sejam mais bem pagas.

Confesso que não li o livro em ordem alfabética; fui catando aqui e ali o que achava mais bonito, e tomando nota. Aprendi, por exemplo, que a calhandra grinha ou trissa, o pato gracita, o cisne arensa, o camelo blatera, a raposa regouga, o pavão pupila, a rola turturina e a cegonha gloteria.

Tive algumas desilusões, confesso; sempre pensei que trintanário fosse um sujeito muito importante, talvez da corte papal, e mestre Aurélio afirma que é apenas o criado que vai ao lado do cocheiro na boleia do carro, e que abre a portinhola, faz recados, etc. enfim, o que nos tempos modernos, em Pernambuco, se chama “calunga de caminhão”. E sicofanta, que eu julgava um alto sacerdote é apenas um velhaco. Cuidado, portanto, com os trintanários sincofantas!

Aprendi, ainda, que Anchieta era um mistagogo e não um arúspice, que os pelos de dentro do nariz são vibrissas, e que diuturno não é o contrário do noturno nem o mesmo que diário ou diurno, é o que dura ou vive muito.

Latíbulo, jigajoga, julavento, gândara, drogomano, algeroz... tudo são palavras excelentes que alguns de meus leitores talvez não conheçam, e cujo sentido eu poderia lhes explicar, agora que li o livro; mas vejo que assim acabo roubando a freguesia de mestre Aurélio, que poderia revidar com zagalotes, ablegando-me de sua estima e bolçando-me contumélias pela minha alicantina de insipiente.

Até outro dia, minhas flores. (BRAGA, 2004. pg.481)

De acordo com Fischer, a crônica não convive com o humor sofisticado e adulto. O texto apresenta a comicidade, o jocoso, a “gracinha ginásial” (FISCHER, 2009, p.89). O cômico se apresenta como ingênuo e se ocupa de tolices (FISCHER, 2009, p.211).

Adiante, estudaremos o ensaio. De antemão, chamo a atenção à “criticidade” e à “pessoalização” (FISCHER, 2009, p.92-93) do ensaio frente à crônica, conforme apontado na análise de Fischer.

1.2 Ensaio

Em 1580, o tipógrafo do rei publicou na cidade de Bordéus dois volumes de um livro, chamado *Ensaio*, escritos pelo nobre francês Michel de Montaigne. Foi o início de um novo gênero literário, o ensaio. Montaigne forjou “um texto híbrido de reflexão moral, divagação, conselhos, exibicionismo, erudição clássica e algo mais” (FISCHER, 2009, p.39). Não que antes não houvesse textos de caráter pessoal, mas o que houve foi a particularização de um método de observação, na ótica de Silvio de Lima (1964), conforme Fischer.

No texto de Montaigne, o sentido de confissão é decisivo e uma opção corajosa. Ele persegue a autenticidade de suas ideias, o que implica a tarefa de tentar não apoiar-se em outros escritores para dizer o que pensa. Para Montaigne, a busca pela expressão também passa pela linguagem. O ensaísta ataca os floreios estilísticos e busca a coerência entre a oralidade e o texto (FISCHER, 2009, pgs. 43-46).

Ensaio não deixa de refletir uma época. Montaigne atravessou o Renascimento Cultural (XIV-XVI), período efervescente marcado por críticas profundas à Igreja Católica Romana e pela retomada de valores greco-romanos na arte, literatura e filosofia. A base do Renascimento foi o movimento cultural do Humanismo, patrocinado especialmente pela burguesia. Os humanistas buscavam maior saber crítico do homem em relação às suas faculdades, potencialidades e livre-arbítrio. Montaigne foi um cético que soube distanciar-se do mundo para compreender o homem e si mesmo.

Apesar do ensaio ter nascido na França, foi em solo britânico que o gênero consolidou-se como criação literária. Fischer se funda no livro *Ensaístas Ingleses* (1964), de Lúcia Miguel-Pereira, para percorrer a trilha do ensaio.

Da pena do inglês Francis Bacon saíram três obras com o título *Ensaio* (1597; 1612 e 1625). Depois de Bacon, surgiram numerosos escritores britânicos que abraçaram o gênero. O ensaio, ainda, flertou com as regras normativas e dogmáticas, que então vigoravam na

filosofia. O texto *Ensaio acerca do Entendimento Humano* (1690), de John Locke, foi uma das bases para a construção do Empirismo.

O ensaio encontrou na Inglaterra um parceiro que iria mudar para sempre seus rumos: a imprensa jornalística de periodicidade regular. O jornal tornou-se um aliado do ensaio. Entretanto, o ensaísta viu-se impelido a mudar de assunto continuamente para brigar pela atenção dos leitores impacientes. Foi o caso de Richard Steele no *Tatler* (1709-1711) e Joseph Addison no *Spectator* (1711-1712), os quais escreviam ensaios que refletem as aspirações do pensamento burguês da época (FISCHER, 2009, p. 56). O gênero também conquistou os EUA, onde ensaístas como Washington Irving (1783-1759) e Ralph Emerson (1803-1802) contribuíram na busca de uma identidade nacional.

Quando o ensaio atravessou as fronteiras da França, inevitavelmente sofreu transformações na sua composição, e o gênero ganhou um alargamento de significados. Na Inglaterra, a matriz deu origem a duas vertentes. A primeira é o ensaio informal, pessoal ou familiar, de linguagem coloquial e espírito livre diante de fatos, pessoas ou paisagens. O segundo é o ensaio de julgamento, de estrutura formal e que oferece conclusões sobre assuntos, após discussão, análise e avaliação (FISCHER, 2009, p. 62).

Nos EUA, o ensaio ganhou cinco significados: 1) texto de reflexão e espírito livre; 2) texto de corte acadêmico que se propõe a análise de um tema específico; 3) texto de crítica literária; 4) texto editorial de revistas semanais e 5) redação escolar (FISCHER, 2009, p. 61). Na França, em Portugal e no Brasil, o gênero preservou seu significado: texto de reflexão e espírito livre que expõe ideias, críticas e reflexões éticas e filosóficas a partir da gênese do próprio ensaísta. No entanto, a definição do ensaio não é hermética e tampouco simples, como observa Fischer:

Daí é preciso especificar, pelo menos tentar especificar, o termo “ensaio”, como se sabe um dos mais misteriosos da tradição literária. Começa pela aparente aporia de que os caminhos para definir ensaio são invariavelmente ensaísticos, ou no mínimo aparentados ao ensaio. E todos eles tomam como ponto de partida Montaigne, o pai do uso moderno do termo, o pai do sentido moderno do termo. (FISCHER, 2009, p. 18)

Os conceitos de crônica e ensaio não são fechados e muitas vezes se tocam entre si. Na percepção de Fischer: “A crônica, não há dúvida, é irmã espiritual do ensaio; mas as diferenças são muitas e, para o presente trabalho, decisivas, inclusive no tocante à qualidade

literária” (FISCHER, 2009, p. 62). Vejamos as características ensaísticas de Montaigne, destacadas por Fischer, que definiriam as crônicas de Nelson como ensaios.

1.2.1 Coragem para a confissão

Montaigne não está disposto a atender expectativas alheias, tampouco preocupado que seus mais íntimos pensamentos choquem os outros, o escritor assume o risco de que seus textos gerem indignação. Não escreve para o senso comum, mas para aqueles que são capazes de compreendê-lo (FISCHER, 2009, pgs. 153-154).

Nelson Rodrigues segue pela mesma via, os exemplos são incontáveis. Ele mergulha dentro de si e revela suas intimidades. Na crônica, “O Ex-Covarde” (1968), de *A Cabra Vadia*, partilha suas tragédias pessoais e declara-se destemido:

Entro na redação e o Marcello Soares de Moura me chama. Começa: — “Escuta aqui, Nelson. Explica esse mistério”. Como havia um mistério, sentei-me. Ele começa: — “Você, que não escrevia sobre política, por que é que agora só escreve sobre política?”
[...]

Tive medo, ou vários medos, e já não os tenho. Sofri muito na carne e na alma. Primeiro, foi em 1929, no dia seguinte ao Natal. Às duas horas da tarde, ou menos um pouco, vi meu irmão Roberto ser assassinado. Era um pintor de gênio, uma espécie de Rimbaud plástico, e de uma qualidade humana sem igual. Morreu errado ou, por outra, morreu porque era “filho de Mário Rodrigues”. E, no velório, sempre que alguém vinha abraçar meu pai, meu pai soluçava: — “Essa bala era para mim”. Um mês depois, meu pai morria de pura paixão. Mais alguns anos e meu irmão Joffre morre. Éramos unidos como dois gêmeos. Durante quinze dias, no Sanatório de Correias, ouvi a sua dispnéia. E minha irmã Dorinha. Sua agonia foi leve como a euforia de um anjo. E, depois, foi meu irmão Mario Filho. Eu dizia sempre: — “Ninguém no Brasil escreve como meu irmão Mario”. Teve um enfarte fulminante. [...] Aos 51 anos, tive uma filhinha que, por vontade materna, chama-se Daniela. Nasceu linda. Dois meses depois, a avó teve uma intuição. Chamou o dr. Sílvio Abreu Fialho. Este veio, fez todos os exames. Depois, desceu comigo. Conversamos na calçada do meu edifício. Ele foi muito delicado, teve muito tato. Mas disse tudo. Minha filha era cega [...] Eis o que eu queria explicar a Marcelo: — depois de tudo que contei, o meu medo deixou de ter sentido. Posso subir numa mesa e anunciar de frente alta: — “Sou um ex-covarde”. É maravilhoso dizer tudo. Para mim, é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder Jovem, ou do Poder Velho ou de Mao Tsé-tung, ou de Guevara. Não trapaceio comigo, nem com os outros. Para ter coragem, precisei sofrer muito. Mas a tenho. E se há rapazes que, nas passeatas, carregam cartazes com a palavra “Muerte”, já traindo a própria língua; e se outros seguem as instruções de Cuba; e se outros mais querem odiar, matar ou morrer em

espanhol — posso chamá-los, sem nenhum medo, de “jovens canalhas”. (RODRIGUES, 1995a, pgs. 13-16)

Nelson valoriza homens que pensam por suas próprias convicções, a despeito de opiniões contrárias. Ele acredita que o bom artista precisa estar só. No texto 63 de *A menina sem estrela*, Nelson conta a angústia que viveu na expectativa do reconhecimento de sua obra teatral por parte de Manuel Bandeira: [...] Hoje, estou certo de que o silêncio de Bandeira foi muito melhor para mim, e mais exaltante, do que o elogio [...]. Bandeira me ensinou, como Ibsen, que o bom artista é o que está “mais só”. (RODRIGUES, 1993a, p. 220-222). A coragem para a confissão demarca uma distância determinante entre o ensaio e a crônica, e apresenta-se com uma das marcas centrais do espírito ensaístico.

1.2.2 Trivialidade inicial, profundidade final

O ensaio pode partir de uma banalidade qualquer e chegar a abismos inimagináveis. Da mesma forma, a crônica também parte de uma banalidade, entretanto não atinge as profundezas do escritor. Montaigne, no ensaio “Da amizade”, inicia o texto rememorando o trabalho de um pintor na parede de sua casa. Em seguida, faz uma alusão ao seu próprio livro, contudo aponta que o resultado será um “o corpo de uma bela mulher com uma cauda de peixe” porque não pretende obedecer às regras da arte. Posteriormente, deseja que o livro honre ao escritor e amigo morto, Etienne de la Boétie. A partir de então, dá início a uma sequência de páginas em que trata da saudade do amigo (FISCHER, 2009, p. 164).

Nelson também consegue partir de banalidades e chegar a intimidades. Na crônica “Pirâmides e Biscoitos” (1967), de *O Óbvio e Ululante*, rememora o momento em que recebeu a notícia da morte de Guimarães Rosa. O traçado do texto é curioso, parte da observação de que o “brasileiro cospe menos” para encerrar-se em um confidência ante a morte de Guimarães Rosa.

Antes de falar sobre Guimarães Rosa, quero dizer ainda duas palavras sobre o velho Rio. O brasileiro cospe menos, diria eu. Quanto às nossas mulheres, nem cospem. Mas, no tempo do fraque e do espartilho, a cidade expectorava muito mais. Lembro-me de antigas bronquites, de tosses longínquas, asma nostálgicas. Nas salas da Belle Époque era obrigatória esta figura ornamental: — a escarradeira de louça, com flores desenhadas em relevo (e pétalas coloridas). [...] Preciso agora explicar que toda essa ternura antiga me veio, outro dia, num boteco. Entrei lá para

comprar cigarros e fósforos. Um paud'água está resmungando: — “Não gosto de nortista”. Passou os olhos nos presentes e repetiu, num riso encharcado: — “Não gosto de nortista”. E súbito me viu. Vem para mim; disse, cara a cara comigo: — “Eu nasci em casa e com parteira”. Fala com uma vaidade feroz e jucunda. Mas é exatamente o meu caso. Também nasci em casa e com parteira. E assim o paud'água anônimo instalou em mim todo o apelo da Belle Époque. Parto em casa, velório em casa, escarradeira na sala, bronquite das tias — todo esse conjunto de relações era o Rio de Machado de Assis, de Pinheiro Machado, de Rui Barbosa. As famílias usavam as bacias em abundância. Hoje uma simples bacia deflagra em mim todo um movimento regressivo, todo um processo proustiano. [...]Minha mulher, Lúcia, só dorme depois que eu chego. Veio abrir a porta dos fundos (aos domingos subo pelo elevador de serviço e entro pela cozinha). Beijo-a, de passagem. Ela já sabe, mas ainda não me diz nada. Naquele momento, uma coisa não me saía da cabeça — o omelete que comera no Antonio's. Era um veneno para a úlcera. Já a caminho de casa, vim pensando: — “Chego e tomo um copo de leite”. O leite acalmaria as danações da úlcera. O antiácido tem sido a minha mais recente fé. Bebi o leite gelado, achei que o omelete estava derrotado e passei para a sala. Foi aí que Lúcia começou: — “Que coisa horrível aconteceu com o Guimarães Rosa!”. Eu desfazia o nó da gravata e parei: — “Que foi?”. E ela: — “Não sabia? Morreu”. Ainda perguntei: — “Desastre?”. Disse: — “Enfarte”. As más notícias agridem em primeiro lugar a minha úlcera. Sinto os seus arrancos. O copo de leite não ia adiantar nada. Fiz várias exclamações: — “Que coisa! Não é possível!”. E só faltei perguntar: — “Morreu como, se estava vivo?”. Lúcia foi dormir. Fiquei rodando pela sala. Eu tivera, com a notícia, duas reações: — primeiro, de pusilanimidade. O enfarte alheio é uma ameaça para qualquer um. A nossa saúde cardíaca é um eterno mistério, um eterno suspense. Depois do medo, veio algo pior e mais vil: — uma espécie de satisfação, de euforia. Ninguém me via, só eu me via. Vim para a janela olhar a noite. Cada um de nós tem seu momento de pulha. Naquele instante, eu me senti um límpido, translúcido canalha. (RODRIGUES, 1993b, pgs. 17-20)

A capacidade de sair do banal e fazer a travessia para temas mais profundos deriva um estalo, de um “insight”. Em inglês, há um termo adequado para designar essa “sacada”. Trata-se do wit, que será grafado sem aspas para aclimatá-lo ao estudo. O termo significa: agudeza, finura de espírito e inteligência.

A transição da trivialidade inicial à profundidade final, por meio do wit, não está perfeitamente demarcada, justamente por ser uma construção íntima do ensaísta; todavia, existe em Montaigne e Nelson, e faz jus ao ensaio.

1.2.3 Esforço por diagnosticar o presente

O rito é o mesmo na crônica e no ensaio. O escritor apresenta-se como um anacrônico, proclama seu desajuste com relação ao mundo tal como ele está andando, para empenhar-se em diagnosticar o presente. No ensaio “Dos Nomes”, Livro I, Montaigne critica seus conterrâneos que dedicam-se a acompanhar as novidades que o tempo oferece (FISCHER, 2009, p. 177)

Nelson Rodrigues também reservava um ceticismo quanto às novidades de seu tempo. Declaradamente criticava o “Poder Jovem”, em ascensão na década de 1960, como em “O “Jovem” Monstro” (1968) de *O Óbvio Ululante*:

Diz-se “jovem”, e eis o que acontece: — instala-se no Brasil um “jovem” que está acima do bem e do mal, ser terrível, absurdo. É irreal, mas não importa: — temos que acreditar no monstro. Note-se: — não no monstro como tal. Não, não. O monstro há de ser o Guia, o Líder. Mas há pior e, repito, há pior. Por toda a parte, a mesma adulação do jovem. Todos querendo estar bem com o “jovem”, isto é, bem com um sujeito que não existe. Outro dia, num batizado, o padre arranjou um jeito de exaltar a juventude. Estava lá o garoto com dor de barriguinha; e o outro a falar da juventude. Passou. Mas vim para casa e imaginava: — “Esse é um padre ‘pra frente’”. Dois ou três dias depois, entro numa igreja, já em pleno sermão. Ao primeiro olhar, reconheço o padre “pra frente”. Já me assustei. Está falando em Virgem Maria. Que diria ele sobre Nossa Senhora? Não perdi por esperar. Erguendo a voz, como num dó de peito, brama: — “Virgem Maria, a mãe do jovem salvador”. Até Jesus Cristo teria de ser “jovem”, até Jesus Cristo precisa desse toque promocional. Jovem, jovem. Se fosse o velho Salvador, convenceria menos do que um Jesus do Teatro Recreio. (RODRIGUES, 1993b, pgs. 98-99)

De igual forma, Nelson analisa as mudanças no jornal impresso que contrastam com o tempo em que iniciou no jornalismo, como repórter, na década de 1920. A crônica 71 de *A menina sem estrela*, por exemplo, critica a entrada do copy desk nas redações:

Se me perguntarem qual é o grande e irredutível abismo entre a velha imprensa e a nova, direi: — a linguagem. Claro que existem outras dessemelhanças, além da estilística. Tudo o mais, porém, é irrelevante. Basta a redação de uma e outra para datá-las. Examinem duas manchetes: — uma de 1908 e outra de 1967. [...]

A primeira manchete era de um tremendo impacto visual, um soco no olho. E, depois de contar, sempre em oito colunas, a iniquidade, o jornal, não satisfeito,

punha uma derradeira manchete: — “HORRÍVEL EMOÇÃO!”. Quando e onde o atual copy desk do Jornal do Brasil admitiria esse apavorante uivo impresso? [...] Vejam vocês: — diante da catástrofe, a primeira medida da velha imprensa era cair nos braços do adjetivo ululante. Hoje, não. Quando Kennedy morreu (quando uma bala arrancou o seu queixo), o copy desk do Jornal do Brasil redigiu a manchete sem nada conceder à emoção, ao espanto, ao horror. O acontecimento foi castrado emocionalmente. Podia ser a guerra nuclear, talvez fosse a guerra nuclear. E o nosso copy desk, na sua casta objetividade, também não concederia ao fim do mundo um vago e reles ponto de exclamação. [...] (RODRIGUES, 1993a, pgs. 247-249)

O esforço de Nelson para diagnosticar o presente é carregado de hipérboles e exageros, mas esse é seu estilo, seu jeito peculiar de enxergar o mundo. Ele está exercitando sua prerrogativa de pensador livre e ensaísta.

1.2.4 Postulação do leitor

O esforço agora é para definir o papel do leitor no ensaio. O ensaísta escreve como que para si mesmo. Montaigne declara que escreveu sem pensar no leitor, pelo contrário, o fez pensando em si mesmo e, secundariamente, em alguns íntimos. Entretanto, não é possível negar a evidência de que *Ensaaios* aspiram à leitura. No ensaio “Da amizade”, Montaigne esclarece o perfil do leitor que procura. Ele expressa que quer ser lido por alguém que já experimentou aquilo que ele escreve, um leitor que se identifique com suas palavras (FISCHER, 2009, p. 196-199). De forma parecida, Nelson, na crônica “A Multidão Afrodisíaca (1968)”, de *A Cabra Vadia*, reflete sobre a condição do leitor:

Não se pode pluralizar o leitor. Mesmo o best-seller de 500 mil exemplares é lido por um, fatalmente por um. Por outro lado, o leitor é o ausente, o invisível, o intangível. Portanto, o romancista tem uma inconsolável nostalgia de massas. Vimos que, no sarau de grã-finos, um pau-d’água queria fazer, da própria morte, a preliminar do Fla-Flu. Duzentas mil pessoas haviam de recolher o seu último suspiro. O dramaturgo Plínio Marcos gostaria de representar no ex-Maracanã para as mesmas 200 mil pessoas. E ninguém escapa à fascinação numérica da multidão. Mas o escritor não tem possibilidade nenhuma de massas. (RODRIGUES, 1995a, pg.166)

O leitor para Nelson é único e solitário, pois na leitura o espetáculo é íntimo. Nelson é um homem “antimultidão”, para ele “os idiotas, figurados na multidão, na massa, mandam no mundo contemporâneo, porque são maioria e descobriram isso” (FISCHER, 2009, p.131).

Portanto, o leitor no ensaio não existe, mas é postulado. O leitor do ensaio se cria quando aceita o ensaísta, tal como ele se propõe.

1.2.5 Humor

Outra característica do ensaio é a presença do humor. Esse traço fino de personalidade convive com os ensaístas. Para Paul Stapfer (1880), o humorista se diferencia profundamente dos escritores de sátiras e comédias: “O satírico fustiga os vícios e ridículos em tom áspero” [...] o poeta cômico apresenta uma ingenuidade inconsciente, encarrega-se de tolices, como a avareza e a ignorância [...] O humorista tem uma malícia expressa lógica e autoconsciente. Não leva nada a sério, nem os homens, nem as coisas e nem ele mesmo [...] ri de tudo, sem cólera, sem amargura e sem paixão, porque a paixão é séria. No humor, ao contrário do que ocorre na comédia, não rimos: sorrimos” (STAPFER, 1880, apud FISCHER, 2009, p. 211).

O *Wordsworth Companion to Literature in English* é uma espécie de cânone literário anglo-saxônico, reeditado de tempos em tempos. O livro aproxima cautelosamente o wit do humor, a análise é feita levando em consideração a variação de épocas e autores. A classificação dos comentadores no livro é a de que Montaigne praticou o humor. Para Paul Stapfer, Montaigne tem o *humeur* francês do período em que viveu (STAPFER, 1880, apud FISCHER, 2009, p. 211).

Quanto a Nelson, seu humor é contemporâneo ao nosso, e segue uma característica marcante do humorismo: explorar o “contrário”. Segue um trecho de uma crônica escrita a respeito do Estado do Piauí, de *O reacionário*, para explicitar o conceito:

Ainda ontem fiz um teste com Hélio Pellegrino: “ – Há quanto tempo você não pensa no Piauí?” Pausa. O amigo faz os cálculos. Diz: – “Vinte e cinco anos”. E foi ao ler uma das minhas recentes “Confissões” que voltou para o Piauí suas visitas e seus cuidados de brasileiro. [...] Saí disposto a escrever sobre o Piauí. Queria chamar a atenção do Brasil para o crime que se está cometendo. Não há estado mais abandonado, nem o Amazonas. Deixei passar um tempo e comecei a escrever. Já no primeiro artigo, explodiram os protestos. Choviam cartas, telegramas, telefonemas. Eram os piauienses indignados. Tratavam, a pontapés, a minha solidariedade. E

verifiquei, aterrado, que o Piauí está insatisfeitíssimo com a própria miséria. Imaginem um Narciso às avessas, sim, um Narciso deslumbrado com as próprias chagas. Aí está o caso do Piauí [...] (RODRIGUES, 1995b, pgs. 51-54)

Fischer recorre ao estudo de *O humorismo* (1996), de Luigi Pindarello, para afirmar que o cômico se dá por satisfeito com a percepção do “contrário”. O humor vai mais fundo, trava o riso fácil e explora o “contrário” (FISCHER, 2009, p.232). A crônica sobre o Piauí é um belo exemplo do humor de Nelson, e um dos traços mais finos do jornalismo brasileiro.

1.2.6 Linguagem livre

O ensaio precisou inventar uma linguagem, e por isso adquiriu um estatuto de literatura específica. No estudo de Fischer, o humor se opõe à retórica. Logo, o humorismo tem a necessidade do livre, espontâneo e imediato movimento da língua. Para tanto, sorve o dialeto popular, a gíria e a observação do detalhe cotidiano; tendo como inimigo, à vista, a linguagem sistematizada, canonizada e empolada (FISCHER, 2009, p. 234-236).

O tradutor Paulo Rónai tinha o projeto de fazer uma antologia de crônicas brasileiras e traduzi-las para outros idiomas. Contudo, desistiu da tarefa dado o inalcançável número de notas de rodapé exigido para contextualizar o leitor estrangeiro, o que faria a crônica perder seu caráter espontâneo, leve e informal. Isso demonstra a inseparável ligação entre crônica e linguagem (FISCHER, 2009, p. 238).

O ensaio também depende da linguagem. Qual linguagem? Da linguagem que o ensaísta inventa. Não é pouco. O ensaísta deve fazer com que a linguagem comum se transforme em literária para que seu discurso ganhe espontaneidade, e inventar uma própria linguagem, ou seja, um estilo. Montaigne inaugura o ensaio e um estilo de comunicar centrado em si. Quanto à linguagem comum se transformar em literária, Montaigne valoriza o coloquial, pois acredita que opor a gramática ao vocabulário popular é ridículo. No ensaio “Vãs são as palavras”, Montaigne desdenha da retórica, acredita que essa serve basicamente para excitar ou acalmar o “populacho” (FISCHER, 2009, pgs.238-241).

Fischer se baseia em Aníbal Damasceno Ferreira (1986), para afirmar que Nelson foi um dos primeiros autores nacionais a atingir a “literatura papeada”, sem forçar o texto ao uso de gírias, ou dialetos (FISCHER, 2009, p. 248). Os anos de prática jornalística fizeram com que Nelson adestrasse seu texto e criasse um estilo de escrever, como observa Fischer:

Algumas evidências são a abundância do discurso direto trazido ao corpo do texto, com dois-pontos e travessão seguidos de aspas [...]; a informalidade (tipo “não sei quantas vezes”, “mas não era nada disso que eu queria dizer”, “onde é que eu estava mesmo?”) [...]; o efeito de trazer a dúvida ou a inquietação ou a eventual oposição do leitor para dentro da arena do texto, numa simulação de diálogo (na linha “dirá alguém que estou generalizando”, seguida de comentário); as digressões, as saídas do fluxo principal do argumento (que Pindarello considerava, para o caso do humor, como efeito daquela consciência em atuação durante a concepção do texto) (FISCHER, 2009, p. 248-249)

Da mesma forma que Montaigne, Nelson ataca a retórica. Na crônica “Sem Medo do Conselheiro Acácio” (1968), de *O óbvio ululante*, a crítica é especialmente dirigida a Rui Barbosa e ao legado léxico parnasiano deixado pelo escritor:

Eis a verdade: – o gênio nunca foi um hábito para Rui. E aí está um traço forte do brasileiro e repito: – o brasileiro não sabe ser inteligente com naturalidade. [...] Do mesmo modo o inglês, que também é inteligente sem espanto, sem angústia, sem deslumbramento. E não há mistério. O inglês, ou francês, encontra a língua feita e repito: – um idioma pensa por ele. Uma lavadeira parisiense é uma estilista, um cocheiro fala como um grã-fino de Racine. Ao passo que nós temos de recriar, dia após dia, a nossa língua e pensar em péssimo estilo (RODRIGUES, 1993b, p. 133).

Nelson estava ciente que precisava tomar posse da cultura brasileira e domesticar a língua portuguesa no Brasil, e o fez com grande estilo.

1.2.7 Unidade

O ensaio tem unidade. Da mesma forma que o poema, conto ou romance, o ensaio precisa recolher suas frases numa certa convergência. No entanto, a convergência é dada pela presença do ensaísta e não propriamente pela pertinência dos temas expostos. Cada ensaio é unitário em si, ainda que passeie da banalidade mais acanhada ao voo panorâmico mais transcendente (FISCHER, 2009, pgs.249-250). No ensaio “A proposta de Virgílio”, Montaigne inicia com uma reflexão (vício, morte e doença); adiante recorda sua juventude, e evoca a Deus; para, então, oferecer sua amizade e companhia à alguém espirituoso (FISCHER, 2009, pgs.42-43). Há um pretenso afastamento dos temas, mas o percurso sinuoso é guiado pela presença do ensaísta, que à sua maneira, dá harmonia ao texto.

Com Nelson, as digressões são parecidas. Tomemos como exemplo uma crônica em que ele critica Delfim Netto, chamada “A influência da minissaia nas leis da economia”, de *O reacionário*:

Eu não insinuarei nenhuma novidade se disse que, muitas vezes, são as pequenas causas que fazem as grandes tragédias. É preciso tomar cuidado com o “irrelevante”, o “secundário”, o “intranscendente”, o “sem importância”. Nunca me esquecerei de um dos maiores espantos da minha infância. Foi na rua Alegre, em Aldeia Campista. Teria eu meus seis, meus sete anos. Perto da gente, morava o “casal feliz”. Ponho aspas porque o fato merece. Vamos que pergunte, ao leitor, de supetão: — “Você conhece muitos ‘casais felizes’? [...] Segundo o testemunho da criada, dos vizinhos, fornecedores, o tratamento recíproco era de “meu bem”, “benzinho”, “meu amor”, “querida”, “coração”. Estavam casados há quinze anos e não havia, na história de amor, a lembrança de um grito, de uma impaciência, de uma indelicadeza. Até que chegou o dia de Carnaval e, justamente, a terça-feira gorda. O marido saiu para visitar uma tia doente, não sei onde. [...] E as horas foram passando. A partir das seis da tarde, ficou a esposa no portão. Sete, oito, nove da noite. Os despeitados, que sempre os há, perguntavam melífluos: — “Seu marido está demorando, hein, d. fulanaa?” Os relógios não paravam. Dez da noite, onze. E, por fim, o marido chegou. Onze. Vinha em pânico. Dizia: — “Perdão, perdão!” Ela perguntou: — “São horas?” Quis arrastá-la: — “Vamos entrar, que eu te explico”. Desprendeu-ze, num repelão: — “Não entro nada!” Pediu, desatinado: — “Olha os vizinhos!” [...] Quando ele disse: — “Vai-te para o diabo que te carregue!” —, a mulher dava pulos na calçada: — “Te bebo o sangue! Desgraçado!” O “casal feliz” foi parar no distrito. Pois bem. Conte o episódio para mostrar como o “irrelevante”, o “sem importância” influem nas leis do amor e do ódio. Vocês querem saber, decerto, por que pensei no “casal feliz”. Explico: — acabo de ler um artigo admirável do ministro Delfim Netto. [...] Por que está mal a indústria? Segundo Delfim Netto, porque as mulheres compram menos fazenda. E ele o afirma usando critérios científicos exatos [...] Mas vem o economista e explica: — a sorte de uma indústria depende de uma saia que sobe ou da saia que desce. Se sobe dois palmos, um palmo e meio, há falências, desemprego, miséria. Os industriais estouram os miolos; e os operários têm que estender o pires à frívola e distraída caridade pública. Agora a outra hipótese: — se, inversamente, a saia desce, cesa a “Grande Depressão”, jorra a abundância, o operário pode jogar nos cavalos, é uma euforia de homens, mulheres, crianças. O patrão pode dar à mulher joias de 500 milhões de cruzeiros antigos. [...] (RODRIGUES, 1995b, pgs. 55-58)

A história do “casal feliz”, a priori, não estabelece relação com a declaração do ministro. Porém, o humor irônico de Nelson une as partes, e faz com que o resultado seja,

novamente, harmonioso. Além do humor e da unidade, a crônica apresenta: confissão, capacidade de sair do banal e linguagem própria. Ou seja, é um belo exemplar de um ensaio.

Antes da análise das crônicas esportivas, ressaltamos que dentre as 7 características estudadas do ensaio, não examinaremos duas. A primeira é a linguagem livre, visto que Nelson consolidou uma “literatura papeada”, no teatro e na crônica, e com estilo próprio (discurso direto, repetições das falas transcritas, saída do fluxo principal do argumento, etc.) (FISCHER, 2009, p. 247-248) — tal como foi exposto anteriormente.

A segunda característica que não será explorada nas crônicas esportivas é a unidade, pois como assente Fischer: “as crônicas esportivas ostentam a unidade absoluta, por óbvio” (FISCHER, 2009, p. 250). Ainda que Nelson faça digressões acerca de personalidades de times, qualidades fantásticas de jogadores ou sobre a condição do brasileiro; o tema futebol permeia todos os assuntos.

2. AS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE NELSON RODRIGUES

Realizo, nesta parte, o confronto entre as características do ensaio, tal como indicadas por Fischer, com cinco crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, a fim de verificar se nas crônicas de esportes também se pode reconhecer traços de ensaísmo.

A relação de Nelson com as crônicas esportivas toca, inevitavelmente, a trajetória de seu irmão, Mário Filho. Para Ruy Castro (1992), antes de Mário Filho, a crônica esportiva “roía pedra nas cavernas”:

Mário Filho revolucionou esse estado de coisas. Primeira “A Manhã” e, de 1928 a 1930, em “Crítica”, sempre em parceria com Guevara. Transformou o futebol em algo para vender jornal [...] aproximou [Mário Filho] o jornal e os torcedores, simplificando o nome dos clubes [...] começou a chamá-los de Flamengo, Fluminense, Bangu [...] humanizou os jogadores, perfilando-os, biografando-os na semana de uma partida importante. Perguntava pelas suas vidas particulares, fazia-os dizer coisas interessantes nas entrevistas [...].” (CASTRO, 1992, p. 114)

Em 1931, Roberto Marinho contratou Mário Filho para assumir a página de esportes de *O Globo*. Mário Rodrigues aceitou, desde que pudesse levar seu irmãos mais novos, Nelson e Joffre, os quais estavam à beira da fome, desde que o pai, Mário Rodrigues, morreu em 1930 (CASTRO, 1992, p. 115).

Nelson entra no jornalismo esportivo a convite do irmão Mário, por quem nutria intensa admiração, e que antes de Nelson já escrevia crônicas esportivas famosas, as quais contribuíram para formar o cenário do “país do futebol” (TRAJANO, 2014). Da mesma forma, Nelson passa a escrever crônicas esportivas, que rapidamente ganham popularidade. Suas crônicas que tinham como pano de fundo o futebol foram publicadas em *O Globo*, *Jornal dos Sports*, *Manchete Esportiva*, *Realidade*, *Fatos & Fotos*, além de tantos outros jornais e revistas, tamanha a repercussão dos textos.

Nelson é um homem de obsessões e paixões, com o futebol não seria diferente. Foi apaixonado pelo Fluminense. Enfermo, ditou para seu filho, aquela que seria a última em vida – uma crônica esportiva sobre a vitória do Fluminense sobre o Vasco, na final do Campeonato Carioca de 1980. Dezenove dias depois, Nelson estava morto (GLOBO ESPORTE.COM, 2012). Agora, vamos entrar no território rodrigueano do futebol para saber se lá o ensaio faz morada.

2.1 Complexo de Vira-Latas

A crônica “Complexo de Vira-Latas” foi a última crônica escrita, por Nelson, antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, na Suécia². Nelson percebe a atitude negativa do brasileiro frente à seleção, e cunha o termo “complexo de vira-latas”. Para Nelson, a expressão ultrapassa a dimensão do futebol, revela nossa falta de alto-estima e sensação de inferioridade diante de outros países. No brasileiro está incutido um culto a sua imperfeição e um deslumbramento ao que é estrangeiro, e que para Nelson é completamente descabido (ZANIN, 2014).

A crônica, bem como a expressão “complexo de vira-latas”, ficaram abandonadas até as publicações de *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (1992) e de *À sombra das chuteiras imortais* (1993). No primeiro livro, Ruy Castro citou a expressão e explicou sua importância, à época. No segundo livro, Castro selecionou a crônica para publicação. Aos poucos, a expressão foi redescoberta e hoje está incorporada ao pensamento brasileiro (CASTRO, 2014). Vamos à crônica:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente. E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, reventaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício. Mas

² A seleção ganhou seu primeiro título mundial, em 1958, e na final goleou a Suécia por 5 x 2.

vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho. A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?”. Eu explico. Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. [*Manchete Esportiva*, 31/05/1958] (RODRIGUES, 1993, pgs. 51-52)

Na crônica, não há a presença da coragem para a confissão. Nelson expõe o que verificou no brasileiro, mas não revela nenhuma intimidade. Fischer, nas crônicas de *A menina sem estrela*, percebe que Nelson: “ousou mergulhar no fundo de si mesmo e trazer de lá os pensamentos mais doentios” (FISCHER, 2009, p. 154).

Segundo Fischer, Nelson tinha um olhar agudo e inteligente que atingia o latente das coisas, e a partir disso estabelecia relações, fazia diagnósticos e tirava conclusões (FISCHER, 2009, p. 167-168). A expressão “complexo de vira-latas” é tão forte que, praticamente 60 anos depois de cunhado o termo, continua sendo usada para refletir a tendência do brasileiro a

considerar desqualificado o que é nacional. Dessa forma, fica evidente que Nelson conseguiu partir de uma trivialidade inicial para uma profundidade final.

Na crônica, a grande motivação de Nelson é esclarecer o problema que acompanha nossa seleção é o “complexo de vira-latas”. Para tanto, ele faz um recuo histórico. Parte da derrota, na Copa de 1950; atravessa a perda 4x2 para a Inglaterra, no estádio Wembley (Londres), em 1956; para alcançar o pessimismo antes da estreia no mundial de 1958. Nelson cumpre a premissa para diagnosticar o presente na acepção de Fischer, pois “empenha toda a sua inteligência no diagnóstico do tempo presente, ainda que para tal use do mesmo recurso de qualquer cronista, isto é, do recurso de contrastar o presente com o passado” (FISCHER, 2009, p.176).

Nelson se dirige a todos os brasileiros quando identifica nosso “complexo de vira-latas”. Não “escrevi para si” (FISCHER, 2009, p.197), mas quer declarar sua constatação para uma multidão. Logo, não há a postulação do leitor

A crônica posta para análise segue na mesma esteira do humor descrito por Fischer, vez que “despreza decoros e ri de pudores temerosos”, e “pretende virar o homem ao avesso” (FISCHER, 2009, p. 217).

2.2 A realeza de Pelé

A crônica apresenta a origem do “título” a Pelé. Nelson, foi o primeiro a chamar Pelé de “rei”. Antes da imprensa mundial, que certamente não o lia. Depois da brilhante participação de Pelé, na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, a imprensa francesa também passou a chamá-lo de *Le roi Pelé*, e a partir de então a expressão popularizou-se (CASTRO, 2012).

Depois do jogo América x Santos, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade Albert Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examinei a ficha de Pelé e tomei um susto: — dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: — verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a

bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: — “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: — “Eu”. Insistiram: — “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: — “Eu”. Em outro qualquer, esse desprante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé. Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompéia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: — “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”. De certa feita, foi até desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável. Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau. Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós. [Manchete Esportiva, 08/03/1958] (RODRIGUES, 1993, pgs. 42-44)

Na crônica, não há a presença da coragem para a confissão. Nelson não relata nenhum episódio pessoal, não usa da “coragem de ser um solitário, a coragem de, como se diz hoje, bancar a sua posição, contra o vento e maré” (FISCHER, 2009, p. 158).

A princípio, a crônica paira na superficialidade: a descrição de um exímio jogador de futebol. Entretanto, a profundidade está na percepção aguda de Nelson sobre Pelé. Nelson, foi um dos primeiros — quiçá o primeiro — no âmbito da imprensa esportiva, a discernir a qualidade muito acima da média de Pelé. Seu olhar sobre o jogador, que contava à época com 17 anos, foi “profético”, como disse Ruy Castro (2012). Assim sendo, a crônica faz a transição da trivialidade inicial para a profundidade final.

O esforço de Nelson para diagnosticar o presente ultrapassa o deslumbramento de um grande jogo. Ele soube “aferir a novidade positiva que o tempo presente trazia” (FISCHER, 2009, p. 191). Depois das derrotas no mundiais de 1950 e 1954, finalmente a seleção iria mostrar sua grandeza: “Com Pelé no time, e outros com ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.” Dito e feito, Brasil campeão da Copa do Mundo de 1958.

Novamente, não se encontra a postulação do leitor. Nelson, escreve para todos que se interessam pelo resultado do jogo Santos x América. Não há a intimidade “compartilhada” do cronista revelada para que o leitor opte, ou não, adentrar em um universo que não lhe pertence (FISCHER, 2009, p. 201).

O humor é garantido em Nelson porque ele descompõe o que está velado. A ideia coaduna com o que Fischer delinea acerca do humor: “sua reflexão não se esconde, não fica invisível, como um juiz [...] este é o sentimento que dará origem ao humor.” (FISCHER, 2009, p. 232).

2.3 O “Possesso”

A segunda rodada da Copa do Mundo de 1962, no Chile, foi marcada pela lesão muscular de Pelé no jogo contra a Tchecoslováquia. A Copa terminou ali para o jogador, e as incertezas sobre a conquista do bicampeonato começaram a surgir. Entretanto, a contusão de Pelé não assustou Nelson, que previu uma grande substituição: Amarildo, o “possesso” (TV CULTURA, 2012). Amarildo, fez excelentes atuações. Em seu primeiro jogo contra a Espanha marcou dois gols. Na final, em outro jogo contra os tchecos, o Brasil ganhou de 3x1, com gols de Amarildo, Zito e Vavá (O GLOBO, 2014).

Amigos, não é hora de escrever bem. Fosse eu um Goethe na Itália e, diante do triunfo de ontem, estaria escrevendo horrendamente mal. Ganhamos. E que fazer agora, senão arrancar do nosso peito um gemido solene e fundo, como um mugido cívico? Quando acabou o jogo* , quando a vitória uivou, vimos o seguinte: — era esta uma cidade espantosamente bêbada. Cada um de nós foi arremessado do seu equilíbrio chato, foi arrancado do seu juízo medíocre e estéril. Saímos à rua. Eu disse “cidade bêbada” e já explico: — fomos uma nação em pileque unânime. De pileque sem ter bebido nem água da bica. E é lindo, e gostoso, e sublime quando não há, entre 75 milhões de sujeitos, não há um único sóbrio. E já um nome me ocorre: Amarildo, o “Possesso”. Amigos, dizia eu que os profetas andavam por aí aos borbotões. Repito: — os profetas escorriam como a água das paredes infiltradas. Não se dava um passo sem tropeçar, sem esbarrar num profeta. E o que diziam eles? Diziam a vitória do Brasil e mais: — profetizavam o nascimento de um novo Pelé. Eu próprio escrevi, na minha crônica de anteontem: — o novo Pelé era moreno, e antecipei minúcias e fui mais longe. Dei o nome do novo Pelé: — Amarildo. Vejam vocês o que é o Brasil. O sujeito quer um idiota e não acha um idiota. No Brasil de hoje, o imbecil chapado, o imbecil total é uma impossibilidade. Mesmo o menos dotado dos brasileiros contemporâneos há de ter a sua chispa, a sua centelha, por vezes * Brasil 2 x 0 Espanha, 6/6/1962, em Viña del Mar, no Chile, pelas oitavas-de-final. incubada, mas funcionante. Mas, se a pátria precisa de um gênio, logo o encontra. Aí está a Copa do Mundo: — perdemos um Pelé e, no mesmo instante, apareceu outro Pelé. Feliz o povo que, na vaga de um gênio, põe outro gênio. Dizia o profeta quase profissional Cláudio Mello e Sousa que a vitória brasileira seria um quadro de Goya. Aí está o quadro, aí está o Goya. Mas eu falava de Amarildo. Após o jogo, os colegas me cumprimentavam como se fora eu o autor de Amarildo. Eu tinha de retificar: — “O autor do Amarildo é o Dostoievski!”. E, realmente, nunca vi na vida real um sujeito tão possesso e, por carambola, dostoievskiano. O primeiro gol do Brasil ontem foi obra de um possesso. E repito: — só um possesso em último grau, montado num demônio, ou por este montado, só um possesso faria aquilo. Eu não estava lá, claro. Mas, desde ontem, cada brasileiro está possuído de uma imensa, de uma implacável vidência. Dir-se-ia que, apesar da estúpida distância física, todo o Brasil era testemunha visual e auditiva de cada lance da partida. E eu “vi”, no momento do gol, “vi” Amarildo, a cara, o peito, a loucura de Amarildo. De seu lábio pendia a baba elástica e bovina dos possessos. Nas páginas de Dostoievski é assim que os possessos babam profissionalmente. Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão. O possesso sentiu que era chegado o instante. Caçaram Amarildo. Entre ele e o gol havia toda uma flora de rapas, de pés na cara, palavrões, chifres. Só faltaram chupar-lhe a carótida como a um aspargo. A palavra “madre” circulava

copiosamente. Naquele momento Amarildo não era um só: — era o possesso, era um dostoiévskiano e, ao mesmo tempo, era um touro de soneto, “saudoso de feridas”. Era também, por conta de Dostoiévski, um rútilo epilético. Amigos, nunca um só foi tantos. E esse múltiplo, esse numeroso Amarildo acabou enterrando o seu gol, até o fundo, no coração da Espanha. Ali se cumpria a grande profecia: — um novo Pelé estava nascendo. E os Andes estupefatos viram erguer-se o astro recentíssimo, com o seu frenético fulgor. E o segundo gol, amigos, o segundo gol! Vamos ao lance. O Mané apanha a bola. E, entre parênteses, tem razão o poeta e psicanalista Hélio Pellegrino quando afirma que Garrincha é a maior sanidade mental do Brasil. Exato. O próprio Freud, se conhecesse o Mané, havia de reconhecer, com a humildade dos sábios: — “Rapaz, se todo mundo tivesse a tua sanidade, eu ia acabar apanhando papel na esquina!”. Ontem todo mundo estava emocionalmente em pandarecos. Menos o Mané. Pegava a bola e era o mesmo, sempre o mesmo, eternamente o mesmo, assim na terra como no céu. No segundo gol, Mané deu uns dez salames dionisíacos. Comeu com aquele apetite imortal toda a defesa inimiga. E comeu o juiz e comeu o bandeirinha. Tudo isso com uma saúde de passarinho, e insisto: — tudo isso com alegria, com bondade, com pureza. No fim, não havia mais ninguém para driblar, ninguém. E Mané, que no fogo mais infernal tudo vê e tudo sabe, passa para Amarildo. Mas não foi um passe qualquer. Nem a cabeça de São João Batista foi tão na bandeja como aquela bola de Garrincha. Estava lá Amarildo, o possesso Amarildo, o rútilo epilético. E então ele enfiou a sua cabeçada mortal. Aquilo era o Brasil. (RODRIGUES, 1993, pgs. 86-88)

Nelson fez uma aposta em Amarildo que outros não fizeram, contudo isso não demonstra a manifestação de uma particularidade de sua vida. Na observação de Fischer “O ensaio é a afirmação do indivíduo, como voz que fala, como cérebro que pensa, como coração que sente, como ser que vive e tem direito a buscar nas coisas [...]” (FISCHER, 2009, p. 267).

Certamente, a crônica parte da trivialidade inicial para a profundidade final. O adjetivo “possesso”, que Nelson imputou a Amarildo, foi um exercício de literatura comparada. Nelson diz que: “O autor do Amarildo é Dostoiévski.” *Os Possessos* ou *Os demônios*, dependendo da tradução, é um romance do escritor russo Fiódor Dostoiévski, publicado em 1872. O livro faz uma alusão ao perigo de ideias niilistas e utópicas transformarem-se em ideologias perversas. O personagem, Piotr Verkhovenski, encarna um dos principais possessos. Suas ideias libertadoras dão lugar a atitudes cruéis. Piotr torna-se o “demônio” que ele mesmo combatia (BURIGATO, 2014). Por sua vez, Nelson substitui Pelé (personificado como aquele que persegue a vitória) por Amarildo (que sofre possessão, transforma-se em Pelé, e assim como este perseguirá a vitória).

Nelson diagnostica o presente: a incerteza do destino da seleção na ausência de Pelé. Para Nelson, a preocupação era infundada, haja vista a substituição por Amarildo, “O Possesso”. Frequentemente, Nelson cria personagens para flagrar o presente e oferecer suas conclusões. O recurso criativo é lembrado por Fischer: “[Nelson] ofereceu todo o desnudamento da época, mesmo quando abria a tampa de sua imaginação. Nas hipérboles, nos excessos de suas crônicas e de seus contos e de suas peças, era a verdade que ressaltava, que ganhava corpo e alma” (FISCHER, 2009, p. 189)

Mais uma vez, o leitor não é postulado. Nelson, não escreve para quem já “viveu o que ele vive” (FISCHER, 2009, p. 198). A insegurança da eliminação na Copa do Mundo era coletiva.

O humor de Nelson esgracha o leitor. Ele oferta uma resposta metafísica de “possessão” a uma inquietação nacional. Na ideia de Fischer, o humor despreza tudo, ri de tudo, e diferente da sátira e da comédia, não depende de nenhum ideal (FISCHER, 2009, pgs. 211-212).

2.4 Sobrenatural de Almeida

“Para justificar o imponderável, ou seja, para explicar o acaso, a imprecisão, a imprevisibilidade que cercam o mundo futebolístico [...] Nelson cria uma “entidade”, uma personagem com nome e sobrenome — o “Sobrenatural de Almeida” (MARQUES, 2012 p. 100). Nelson não acredita em acasos no futebol, seu exercício é ver além dos fatos:

Amigos, dizia Horácio que há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. Está aí uma clara alusão ao Sobrenatural de Almeida. Se Horácio fosse torcedor rubro-negro diria a mesma coisa, por outras palavras: — ‘Há coisas na vida do Flamengo que só o Sobrenatural de Almeida explica’.

Os idiotas da objetividade não vão além dos fatos concretos. E não percebem que o mistério pertence ao futebol. Não há clássico e não há pelada sem um mínimo de absurdo, sem um mínimo de fantástico. Por exemplo: — o que está acontecendo com o Flamengo. E não só com o rubro-negro. Com o Botafogo também.

O curioso é que o Sobrenatural andava sumido. Ou melhor dizendo: — não tinha imprensa. Ora, nós sabemos que sem promoção ninguém é nada neste país. O sujeito pode ser um gênio da cabeça aos sapatos. Mas ou sai nos jornais, ou passará a vida rosnando de impotência e frustração. Era justamente o que estava acontecendo, nos últimos tempos, com o Sobrenatural de Almeida. Os jornais o sepultavam num cavo silêncio.

Mas, enquanto o esqueciam, o torpe indivíduo agia na sombra. Vocês conhecem a sua tenebrosa história. A grande fase do Sobrenatural de Almeida ocorreu na Idade Média. Era ele, na época, a figura mais adulada, mais promovida. Todos os dias, seu nome saía na coluna do Ibrahim. Quantas vezes não apareceu, em página dupla, na *Manchete*? Enquanto os outros andavam de bonde e, inclusive, de taioba, o miserável usava um big automóvel. (Diga-se que o seu carro tinha cascata artificial, com filhote de jacaré.) Nos dias quentes, um escravo núbio o abanava com a *Revista do Rádio*. Com o fim da Idade Média, começou a decadência do Sobrenatural de Almeida. O primeiro a se despedir, exigindo pesada indenização trabalhista, foi o mordomo de casaca, que era uma das atrações turísticas de seu palácio. Na Renascença, o Sobrenatural ficou reduzido ao salário mínimo. E assim veio rolando, de humilhação em humilhação. Certa vez, cruzou com dom Hélder, na esquina da Sete com a Avenida. Correu para o ilustre arcebispo de mão estendida. Eis a resposta do nosso Hélder: — “Não tenho trocado”. Era a suprema desfeita.

Hoje, o Sobrenatural mora num quarto infecto, em Irajá. E pior: — todas as manhãs, ao acordar, tem de entrar na fila do banheiro coletivo. Daí o seu horror aos homens e aos clubes. Seu campo de ação está limitado ao futebol. Podia gostar de um clube. Não. Quer ver a caveira de todos. No momento, derrama seus malefícios sobre o Flamengo e sobre o Botafogo.

O rubro-negro apanhou de 4 x 0. E o Botafogo de 4 x 1. No penúltimo jogo do alvinegro, o Armando Marques marcou um pênalti fantástico. Não houve nada, absolutamente nada. Mas o Sobrenatural de Almeida soprou no ouvido do árbitro: — “Pênalti, pênalti!” Armando foi na conversa e apitou a penalidade máxima. No Fla-Flu, houve o que houve: — o ponta tricolor Hilton tirou, com a mão, a bola de Marco Aurélio, e fez o gol. O Sobrenatural de Almeida sussurrou ao ouvido do Armando Marques: — “Gol legítimo, do escocês!”. Mais uma vez, o juiz foi na conversa. E ninguém desconfia que a grande figura do “Robertão” é o hediondo Sobrenatural de Almeida. (RODRIGUES, 1994, pgs. 138-139)

Apesar de Nelson ter criado a personagem, quem dá a tensão à crônica é Sobrenatural de Almeida. Fischer, sustenta que no traço da coragem para a confissão o escritor “proclama-se” (FISCHER, 2009, p. 159). Na crônica, todos os fatos são atribuídos à personagem. Consequentemente, não há coragem para a confissão.

Daisi Vogel (1997), constatou nas crônicas esportivas de Nelson: “[...] uma instância superior, mística, que exerce o papel de destino e que governa, conduz o jogo, agindo como um jogo dentro do jogo. O ser humano, seja o jogador singular, como Didi ou Dr. Rubis, seja o brasileiro genérico, sofre a ação desse jogo do destino.” (VOGEL, 1997, pg. 91). De acordo com Fischer, um dos métodos de Nelson para atingir a profundidade é afastar-se da “tirania

dos fatos e da razão” e da “corrente dominante do seu tempo” (FISCHER, 2009, pgs. 168-169). Sob a ótica rodrigueana, Sobrenatural de Almeida não é trivial, ele é transcendental.

O esforço para diagnosticar o presente está na descrição da decadência da vida de Sobrenatural de Almeida. A entidade passou por dias melhores, mas hoje não foge à realidade que assola grande parte dos brasileiros: “o Sobrenatural ficou reduzido ao salário mínimo. E assim, veio rolando de humilhação em humilhação [...]. Hoje, o Sobrenatural mora em um quarto infecto [...]”. Nem o Sobrenatural escapa à crueza da vida. Para Fischer, Nelson foi um dos escritores representativos do nosso tempo, e a reflexão acerca da lógica da sociedade de consumo fez parte de seu pensamento (FISCHER, 2009, p. 184).

Na crônica, Nelson almeja esclarecer ao leitor - a menos que esse seja um “idiota da objetividade” e não perceba os mistérios do futebol – a causa das más fases do Flamengo e do Botafogo. Logo, o leitor não é postulado, ele não é “um intruso em uma conversa privada” (FISCHER, 2009, p. 196).

2.5 Um escrete de feras

Na crônica, Nelson descreve o surgimento de uma de suas personagens mais famosas, a “Grã-fina das narinas de cadáver”, a qual ele afirma que não é fictícia. Nelson, ainda se refere à partida Brasil 3x2 Peru (09/04/1969) no Maracanã, e faz apontamentos sobre as desconfianças que pairam sobre o técnico João Saldanha e a seleção brasileira, antes da ida à Copa do México de 1970.

De vez em quando, alguém me pergunta: — “Existe mesmo a grã-fina das narinas de cadáver?”. E eu, então, tenho que repisar a velha história. Para situá-la no tempo e no espaço, explico que foi há quatro ou cinco meses, no Estádio Mário Filho. Era um jogo do Botafogo com... Mas não importa o adversário. Ia eu com o Marcello Soares de Moura. Nada como uma carona para aproximar os homens. E o Marcello sempre me leva para o futebol no seu Volks, cor de vinho tinto. Súbito, eu a vejo no Estádio Mário Filho. Sem ser o Dedo de Deus, é altíssima. Anda com o perfil alto das sonâmbulas. Baixo a voz para o Marcello: — “Aquela tem narinas de cadáver”. O amigo olha e confirma. E era grã-fina. Subimos no mesmo elevador. Os presentes, inclusive eu, não tiravam os olhos da grã-fina. Mas coisa curiosa: — todos olhavam, sem saber por que olhavam. Vocês entendem? Ninguém sabia explicar a própria curiosidade. Para mim, eram, e só podiam ser, as narinas de cadáver. Saltamos no sexto andar do estádio. Foi aí que, sempre ereta como as sonâmbulas, vira-se para o marido: — “Fulano”. Usou um diminutivo qualquer, que não me lembro, e fez a

pergunta: — “Quem é a bola?”. Nem eu, nem o Marcello rimos porque as narinas de cadáver exerciam sobre nós o que os criminologistas chamam de “coação irresistível”. Estávamos fisicamente acuados. Mas ficou no ar a pergunta em flor: — “Quem é a bola?”. Lembrei-me das narinas de cadáver porque, em recentíssima pesquisa, o IBOPE apurou o seguinte: — 50% dos meus leitores são leitoras. Esse público feminino é, a um só tempo, doce e terrível. Faço a mim mesmo a pergunta: — por que tenho, entre os meus leitores, tantas leitoras? Será porque trato bem a mulher, qualquer mulher? Realmente, acho a mulher menos comprometida. Não, não é isso o que eu queria dizer. Queria dizer “menos corrompida”. Sim, ela se corrompe menos do que o homem. Na mais degradada das mulheres sobrevive algo de intacto, intangível, eterno. Esse mínimo de inocência sempre a salva. E a simpatia que aqui confesso, mais que um sentimento secundário e superficial, é uma irradiação de profundezas. Estou dizendo tudo isso porque o meu assunto de hoje é supostamente antifeminino. Simplesmente, vou escrever sobre futebol. Entre as minhas leitoras, muitas jamais entraram no Estádio Mário Filho; e suspiram: — “Eu não gosto de futebol”. Outras poderiam perguntar, como a grã-fina das narinas de cadáver: — “Quem é a bola?”. Todavia, há um momento em que todos entendem de futebol e gostam de futebol. É quando está em causa o destino do escrete. Na hora de seleção, até a grã-fina das narinas de cadáver adquire uma súbita clarividência. Podemos dividir os nossos assuntos em “interessantes” e “vitais”. Um dos assuntos “vitais” do Brasil é a seleção. E, justamente, já se pode falar numa “crise do escrete”. Felizmente, é uma crise gráfica, uma crise impressa, uma crise de colunistas, locutores e manchetes. Ah, o futebol dinamiza uma tal massa de interesses, negócios, egoísmos, vaidades. Estranho mundo, em que não se dá um passo sem esbarrar, sem tropeçar, sem pisar nas víboras inumeráveis.

Tudo começou quando João Havelange teve a grande coragem de escolher o João Saldanha para treinador da seleção. Pela primeira vez, o escrete passava a ser um problema estritamente técnico e nada político. O presidente da CBD não quis agradar a A ou B, mas juntar os melhores. Já sabemos que a competência é amargamente antipatizada no futebol brasileiro. Claro, e repito: — a competência tira o pão da boca dos idiotas enfáticos e dos aproveitadores vorazes. Eles ficam sem ter o que fazer e o que dizer. Vagam pelas esquinas e pelos botecos, sem função e sem destino.

O excelente Geraldo Bretas, de São Paulo, passou a pregar uma guerra de secessão entre o futebol carioca e o paulista. Disse, perante as câmeras e microfones da TV Globo: — “São Paulo deve negar seus jogadores”. Bem se vê que o nosso Bretas não pensava nem no Brasil, nem em São Paulo. Ou por outra: — pensava em São Paulo Machado de Carvalho. Mas o agitado confrade não é um caso único. Há vários Bretas, inclusive cariocas. Mas o Bretas tem, na pior das hipóteses, a virtude

da nitidez. Diz o que tem de dizer, escreve o que tem de escrever. Não guarda bobagens para o dia seguinte.

Todavia, o João Havelange veio a descobrir que o pior Bretas é o falso amigo, de falsa solidariedade. Mas a conspiração contra a competência evoluía em silêncio. E os Bretas confessos ou inconfessos, introspectivos ou ululantes, estavam apenas esperando um pretexto explosivo. Esse pretexto veio de um foul no recente Brasil x Peru. Gérson levou uma cotovelada que foi uma nítida agressão. Pouco depois, revidava com um foul. Ora, o foul é nosso velho conhecido. Oitenta milhões de brasileiros são íntimos do foul. Quando Didi quebrou a perna de Mendonça e esperou seis anos para ir à forra com Pavão — não se gastou tanto papel e tinta, nem houve nenhum berro gráfico. Mendonça morreu para o futebol, azar o dele. Os bons rapazes da imprensa não viram no fato nada de épico ou de sublime.

Mas eu explico: — naquela ocasião, não havia interesses criados e frustrados. A fratura de Mendonça só interessou mesmo à vítima e familiares. A de Pavão, idem. Agora, não. Agora havia uma “crise” latente que o foul de Gérson detonou. Vocês sabem o que aconteceu depois. Um outro peruano deu um pontapé no brasileiro. Este revidou. O juiz expulsa os dois. Minutos depois, com o jogo ainda interrompido, um peruano, lá no meio do campo, agride um brasileiro, que nada fez, nem queria fazer. Vejamos: — como devia portar-se o nosso patricio?

Como 50% dos meus leitores são leitoras, é possível que a grã- fina das narinas de cadáver esteja me lendo. Ela não sabe ainda quem é a bola. Mesmo assim, faça-lhe a pergunta: — “O brasileiro deve aceitar, em sua própria terra, a bolacha de um peruano?”. Boa parte da crônica acha que sim. Considera um “espetáculo degradante” o uso que fizemos de uma legítima defesa. Houve o sururu, e daí? Na Inglaterra é mil vezes pior. Lá, brigam os 22 jogadores, as duas torcidas, o juiz, os bandeirinhas e gandulas. Depois, vai todo mundo para a estação quebrar locomotivas. E é um povo gigantesco, que salvou o mundo. Se, em Dunquerque, a Inglaterra tivesse capitulado, os nazistas fariam provas hípicas montando brasileiros. Mas a bordoadada, no caso, é o que há de mais intranscendente. O foul de Gérson não espantaria ninguém. O que se quer derrubar é o João Saldanha, ainda que, para tanto, seja preciso derrubar o escrete. Tudo serve de pretexto. O nosso João, num dos seus arroubos de Tartarin, disse que seu ideal era um “escrete de feras”. Na pior das hipóteses, fez uma metáfora. Imaginem que os interesses contrariados estão uivando até contra a metáfora.

Eis o que eu queria dizer à Guanabara, a São Paulo, Rio Grande, Alagoas, Pernambuco e a todo o Brasil: — o João está maravilhosamente certo. O “escrete de feras” é uma velha utopia de todos os brasileiros, inclusive a grã-fina das narinas de cadáver. A humilhação de 50, jamais cicatrizada, ainda pinga sangue. Todo escrete tem a sua fera. Naquela ocasião, a fera estava do outro lado e chamava-se Obdulio Varela. O escrete do João terá onze Obdulios.

Imaginem vocês que, ontem, recebo um interurbano de São Paulo. Era um leitor paulista, indignado. Com um horror indescritível, vira locutores bandeirantes torcendo contra o escrete nacional. No fim, berravam: — “Vitória imerecida! Vitória imerecida!”. Não eram paulistas, não eram brasileiros, não eram nada: — eram súbitos índios peruanos. E pedia o leitor que eu protestasse, em nome de São Paulo, junto aos meus colegas de lá. Amigos, não sei se vocês conhecem a história do português que era credor de um circo. O circo faliu e o dono, como pagamento, deu-lhe o mais bonito leão da casa. E sai o português com o leão. Mas achando a juba do bicho muito grande, mandou passar-lhe a máquina zero. Imediatamente, o leão começou a ser olhado como um cachorro amarelo. No dia seguinte, em vez de rugir, latia. Quero concluir dizendo: — no escrete do João, ninguém vai ser cachorro amarelo (RODRIGUES, 1993c pgs. 141-144).

Nelson não “mergulha em si” (FISCHER, 2009, pg. 154). De forma corajosa, ele faz julgamentos e emite opiniões sobre as atitudes de outras pessoas. Novamente, não temos a confissão.

A grã-fina das narinas de cadáver é uma mulher da alta sociedade carioca, que entra no Maracanã pela primeira vez na vida, e pergunta: — “Quem é a bola?”. Contudo, rapidamente ela se torna uma autoridade em matéria de futebol. A personagem é recorrente em várias crônicas. Nelson queria mostrar, por meio da grã-fina, o apelo que a seleção causa aos brasileiros (mesmo os alheios ao futebol), e dizer que as pessoas não precisavam ser dotadas de grande capacidade intelectual para compreender a genialidade dos jogadores e do esporte (CASTRO, 2012). A personagem não é uma trivialidade qualquer na crônica, ela tem uma dimensão mais profunda.

Nelson faz o diagnóstico do presente quando constata que a “crise” da seleção é de natureza política. As críticas a Gérson, no fundo são direcionadas ao técnico, João Saldanha, na intenção de destituí-lo do cargo. Nelson, admirava o trabalho de Saldanha, em crônicas posteriores o apelidou de “João-sem-medo”. Sabia que parte dos ataques a Saldanha deviam-se à sua militância no Partido Comunista, obviamente contrário à ditadura militar instalada no Brasil. Em seu estudo, Fischer, traz à luz exemplos de como Nelson desprezava a opinião pública, guiava-se por suas próprias convicções, e quando reconhecia injustiças, não se furtava em escancará-las. Foi assim, quando ele defendeu, Caetano Veloso, das vaias no Festival Internacional da Canção de 1968 (FISCHER, 2009, p. 122-123).

Nelson escreve para os opositores de João Saldanha, e para os brasileiros descrentes da seleção. Ele não busca a “solidão do pensamento” e nem “evita as multidões” (FISCHER, 2009, p. 198). Mais uma vez, Nelson não postula o leitor.

O professor João Carlos Marques (2012) estudou o humor da grã-fina narinas de cadáver. Vejamos o exame que fez da personagem:

A célebre figura da “grã-fina das narinas de cadáver, mesclando ironia e paródia, carrega em si esses elementos que poderiam ser classificados a partir destes paradigmas:

- grã-fina: riqueza, fertilidade, opulência, magnificência, requinte;
- cadáver: corpo sem vida, infertilidade, mau aspecto físico, desrequinte.

A aproximar esses elementos díspares, temos que a grã-fina já não é tão grã-fina, o cadáver já não é tão cadáver, e as narinas já não são tão narinas. O conjunto da imagem, dessa metáfora extravagante, provoca igualmente o riso e desveste assim as elites arrogantes (a andar com o nariz em pé, e daí a referência às narinas de cadáver, que anunciam as próprias fossas nasais) que Nelson quis retratar em suas crônicas. (MARQUES, 2012)

De acordo com o estudo acima, a grã-fina representa opostos, os quais levam o leitor ao riso. Explorar o “sentimento contrário” de forma inteligente e reflexiva é um dos traços decisivos do humor (FISCHER, 2009, p. 232)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro capítulo se ocupou de apresentar os pontos nevrálgicos da tese de Fischer, que serviriam de escopo para cotejo neste trabalho. Ali se viu que a crônica nasceu como expressão histórica e artística. Na Espanha e em Portugal (séculos XIV-XV), o gênero serviu, principalmente, ao reinado. A vida e as conquistas dos monarcas ganhavam ares épicos de romance de cavalaria. Ao passo que na França, preponderou a narrativa pessoal e intimista a do escritor.

A concepção de narração histórica, da crônica, prevaleceu até o seu encontro com o jornalismo. No Brasil, essa aproximação se deu no século XIX. A crônica usou do espaço do folhetim e das mãos de folhetinistas, como José de Alencar, para desembarcar no país. Inicialmente, tinha ares parisienses e flertava com o romance. Machado de Assis foi um dos responsáveis por aclimatá-la às letras e temas nacionais. A crônica começou a ganhar independência, como gênero próprio, por volta dos anos 1930. Cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Antônio Maria de Moraes e Paulo Mendes Campos contribuíram nessa direção. Com Rubem Braga, o gênero ganhou uma identidade. Fischer escolhe Braga, que se especializou em ser cronista, para dissecar o gênero.

Foram analisadas duas crônicas de Braga. A primeira foi “O Conde e o Passarinho” e a segunda “Mestre Aurélio entre as palavras”. Os pontos do gênero foram identificados: assunto trivial alçado ao primeiro plano pela reflexão; texto leve; sem grandes voos sintáticos ou semânticos; alguns traços do lirismo ingênuo; breve comentário e comicidade.

As características apontadas nas crônicas de Braga são pertinentes à maior parte de seus textos e vai ao encontro de outros estudos feitos sobre o cronista: “Desde os primeiros textos [Rubem Braga], publicados aos 18 anos, sempre em jornais, o autor sabe extrair experiências reflexivas universais de fatos cotidianos, fundadas no lirismo” (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017).

O lirismo na crônica não é uma exclusividade de Braga. Acerca da linguagem, na crônica, Massaud Moisés (1985, p. 256) afirma que no cronista a “inquietação lírica ancora na realidade do fato real”. Entretanto, o predomínio do lirismo dá pouca margem ao exercício da crítica e da razão, aspectos marcantes no ensaio, como apontado em *Inteligência com dor* (FISCHER, 2009).

Fischer reconhece que há cronistas que flertam com o ensaio, como Luis Fernando Veríssimo – e eu diria Xico Sá, dada a profundidade de suas reflexões. No entanto, eles não estariam praticando propriamente a crônica, vez que essa, por natureza, se mantém na

gratuidade do fato, e não almeja ir mais a fundo. Vejamos, novamente, o que Massaud Moisés (1985) tem a dizer:

Não obstante, há quem sublinhe o parentesco da crônica com o ensaio informal [não acadêmico]. Trata-se, contudo, de semelhança apenas quanto ao impulso de origem ou na sua mecânica geratriz; mas depois se afastam. Com efeito, a crônica e o ensaio caracterizam pela subjetividade, envolvem idêntico movimento do “eu”, mas enquanto o ensaio guarda sempre uma intenção, ainda que sobre o disfarce da informalidade, a crônica, ou repele a intencionalidade ou deixa de ser crônica (pgs. 250-251).

Portanto, a escolha de Braga para compreender a crônica foi sensata. Braga é mais do que um recorte no estudo da crônica, mas um legítimo representante do gênero.

Em seguida, ainda na primeira parte deste trabalho, viu-se que a publicação de *Ensaíos*, em 1580, pelo francês Michel de Montaigne, marcou a particularização de um texto confessional que flertou com outras modalidades literárias, como a poesia, o romance e a narração histórica para forjar um gênero próprio. Mas, apesar do ensaio ter nascido na França, foi na Inglaterra que gênero mais floresceu. O motivo, segundo Lúcia Miguel-Pereira, é que o inglês encontrou no ensaio a expressão literária de sua índole liberal (MIGUEL-PEREIRA, 1964, prefácio p.V). Francis Bacon inaugurou o ensaísmo em solo inglês, com três livros também chamados de *Ensaíos* (1597;1612 e 1625), e escancarou as portas a outros pensadores britânicos, como John Locke e David Hume. Entre os britânicos, o ensaio ganhou um alargamento de significado, e passou a ser compreendido também como um trabalho acadêmico. Nos EUA, o ensaio ganhou outros significados, inclusive o de editorial de jornal.

Não obstante a extensão de sentidos que o ensaio ganhou quando saiu da França, o espírito do trabalho de Montaigne permanece e continua a ser reproduzido. Fischer elencou sete características do ensaio: coragem para confissão; trivialidade inicial, profundidade final; esforço para diagnosticar o presente; postulação do leitor; humor; linguagem livre e unidade. Alguns traços são perceptíveis, outros exigem esforço para serem identificados. O humor, por exemplo, não pode ser confundido com o cômico ou a sátira. Em linhas gerais, o gracejo do humor tem conteúdo reflexivo mais sofisticado.

Compreender que Montaigne praticou o “humor francês do século XVI” foi quase um ato de fé. Fischer não conseguiu deixar esse traço em Montaigne claro. Em pesquisas paralelas verifiquei que a graça criada por Montaigne estava em aforismos, como: “Reis e filósofos vão ao banheiro, assim como as damas. Mesmo nos mais altos tronos do mundo, eles

continuam sentados nos seus traseiros [tradução nossa]” (SPRING, 2015) ou “Médicos são sortudos: o sol brilha no seu sucesso e a terra se esconde em seus fracassos [tradução nossa]” (GOPNIK, 2017). A verve de fazer humor por aforismos continuou nos ensaístas posteriores a Montaigne, como Francis Bacon: “Dinheiro é como esterco, só tem utilidade se espalhado em volta (BACON, pg. 80, tradução nossa, 2009). Não por coincidência, Nelson foi conhecido por frases geniais, a ponto de Ruy Castro selecioná-las em um livro: *Flor de Obsessão* (1997).

No entanto, todas as características do ensaio delineadas por Fischer mostraram-se de grande valia para identificar o gênero. Ainda assim, uma sobressai-se por mostrar caráter impar em relação à crônica: a coragem para a confissão. O ensaio ganha qualidade própria diante da confissão. Opiniões e pontos de vista não são compreendidos como confissão, pois carecem de intimidade mais profunda. Silvio de Lima, em seu livro *Ensaio sobre a essência do ensaio* (1964), declara:

Certos escritores, fascinados por Montaigne, buscam, como ele, pessoalizar o ensaio: *montaignizam* o ensaio [...] Imprimem-lhe aquele tom divagante, sinuoso e familiar da confissão [...] O valor dos *Ensaio*s está no facto de eles serem um registro de experiências, coisas brotadas da vida, com todo o valor e viço, não coisas lidas, decoradas [...] Os *Ensaio*s, são, para empregarmos uma expressão de Pasteur, referente às suas experiências, espécie de cadernos em que Montaigne foi registrando reflexões sobre as suas vivências no laboratório do mundo (pgs. 82-83)

Depois, na segunda parte deste trabalho, fiz uma análise detida de cinco crônicas esportivas de Nelson, de grande notoriedade, à luz das características ensaísticas descritas por Fischer. De antemão, abri mão de identificar a linguagem livre e a unidade, pois a primeira já havia sido conquistada por Nelson em toda a sua obra, da dramaturgia à crônica; a segunda, na ótica de Fischer, era absoluta, pois todos os assuntos, invariavelmente, versam sobre futebol. Restaram os outros traços.

O cotejo mostrou-se um exercício com resultados repetidos. Todas as crônicas apresentam a transição da trivialidade inicial para a profundidade final, denotam o esforço para diagnosticar o presente e esbanjam humor. Nenhuma das crônicas mostra a coragem da confissão e a postulação do leitor. A postulação só ocorre se houver a confissão. Se a presença do “eu” prevalece à revelia do agrado ao leitor.

A confissão é um elemento primordial para a existência do ensaio. O tom de confiança era claro nas crônicas trazidas por Fischer da série *A menina sem estrela* e *Confissões* (por óbvio). Nelson derramou ali todas as suas dores, de irmão assassinado, pai

que morreu pelo peso da culpa, irmã morta na infância, irmão soterrado, fome, incompreensão artística e filha cega. Houve também espaço para falar do reconhecimento profissional, combater ideologias políticas opostas as suas crenças e muito humor. Todavia, nas crônicas apresentadas por Fischer preponderou um exercício, de Nelson, de expurgar seus sofrimentos e declarar suas convicções. Nelson é Nelson, mesmo quando escreve sobre futebol. A bola é um ínfimo detalhe, o que lhe interessa é o ser humano. No entanto, ele não toca no “seu humano”, o próprio Nelson.

Nelson está preocupado em buscar o grande homem, o mito e suas entranhas, como se os jogadores fossem semideuses que convergem características humanas e divinas. Ele não aceita que a crônica e nem o homem leiam “A vida ao rés-do-chão” (1984), como definiu Antônio Cândido acerca da natureza da crônica. As crônicas esportivas de Nelson partem do pequeno, do cotidiano, do toquinho de calcanhar, mas almejam o alto, a apoteose da manifestação humana.

Nelson foi acima de tudo jornalista, porém nunca deixou de ser dramaturgo nas redações. Suas crônicas esportivas estão impregnadas, na concepção de Ignatti Silva (2014, p.5), de uma “cosmovisão dramática”. O crítico teatral Sábado Magaldi (2004), no livro *Teatro da Obsessão*, classifica o teatro de Nelson em: “Peças Psicológicas”, “Peças Míticas” e “Tragédias Cariocas”. Sem dúvida, nas crônicas esportivas de Nelson há o “psicológico”, a “tragédia”, mas sobretudo o “mítico”. Para Daisy Vogel (1997, p.101), na crônica esportiva de Nelson “o jogo deixa de ser cotidiano, ritual, para se tornar espetáculo [...] a narração no jogo ganha caráter vicário, quase mágico”.

Assim, ao final desta minha verificação sobre o caráter ensaístico das crônicas esportivas, tendo a considerar que, quando escreve sobre esportes, Nelson é menos ensaísta do que naqueles seus outros textos, observados por Luís Augusto Fischer em sua tese. Agora, se as crônicas esportivas de Nelson não conversam com o ensaio, o que elas vêm a ser? Certamente crônicas. E, mais do que crônicas, fantásticas crônicas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES FILHO, José. **Espaço Aberto Literatura**. Globo News, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RItaNRvYK8&t=697s>>. Acesso em: 20/05/2017

BACON, Francis. **Bacon's Essays**: Sydney Edition. University of Toronto (2009). Disponível em: <<https://archive.org/stream/baconsessay00baco#page/n111/mode/2up/search/hostage>>. Acesso em: 27/03/2017

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro, Record, 2004, 22ª ed.

BROCA, Brito. **José de Alencar**. Rio de Janeiro: José de Aguiar, 1960, 4ª ed.

BURIGATO, Thiago. **O realismo trágico de “Os demônios”, de Dostoiévski**. Jornal Opção, 17/05/2014. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-realismo-tragico-de-os-demonios-de-dostoievski-4266/>>. Acesso em: 12/06/2017

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CASTRO, Ruy et al. **Nelson e as crônicas esportivas: centenário Nelson Rodrigues**. Sesi São Paulo, 25/09/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XXpetWao7NM&t=2673s>>. Acesso em: 11/06/2017

CASTRO, Ruy; ZANINI, Luiz et. al. **O Complexo de Vira-Latas: documentário**. Sem Cortes Filmes, 26/05/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2_WD7dqGbzK>. Acesso em: 10/06/2017

CASTRO, Ruy. **Nelson Rodrigues, o gênio literário**. Portal Brasil, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5c2hJmxNOR0>>. Acesso em: 20/05/2017

COUTINHO, Afrânio (org.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro/Niterói: Jospe Olympo/EDUFF, 1986, v.6.

ENCICLOPEDIA ITAÚ CULTURAL. **Rubem Braga**. 12/01/2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6903/rubem-braga>>. Acesso em: 13/06/2017

FEIX, Daniel. **Estudo dedica atenção inédita a crônicas de Nelson Rodrigues**. Zero Hora, 28/11/2009. Disponível em: <<http://zh.elicrbs.com.br/rs/noticia/2009/11/estudo-dedica-atencao-inedita-a-cronicas-de-nelson-rodrigues-2732441.html>>. Acesso em: 01/05/2017.

FERREIRA, Aníbal Damasceno. **O óbvio e ululante humorismo de Nelson Rodrigues**. Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte, 5/4/86, pp.6-7.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

GLOBO ESPORTE.COM. **Centenário relembra a última crônica de Nelson Rodrigues, escrita pelo filho**. Rio de Janeiro, 19/08/2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2012/08/centenario-relembra-ultima-cronica-de-nelson-rodrigues-escrita-pelo-filho.html>>. Acesso em: 08/06/2017

LIMA, Sílvio. **Ensaio sobre a essência do ensaio**. Coimbra: Armênio Amado, 1964, 2ª ed.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo. Educ, 2012.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Prefácio. **Ensaístas ingleses**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1964 (volume XXVII da coleção Clássicos Jackson).

MOISÉS, Massaud. **A Criação literária: prosa: fôrmas em prosa, o conto, a novela, o romance, o ensaio, a crônica, o teatro,** São Paulo: Cultrix, 1985. 12ª ed.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Ensaaios**. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Abril, 1984.

MOOG, Vianna. **Heróis da decadência**. Petrônio, Cervantes, Machado de Assis. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964, 2ª ed.

O GLOBO. **Sem Pelé, contundido ainda na primeira fase, Brasil foi bicampeão em 1962.**

Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/sem-pele-contundido-ainda-na-primeira-fase-brasil-foi-bicampeao-em-1962-13143971>>. Acesso em: 12/06/2017

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela.** Seleção: Ruy Castro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993a.

_____. **O óbvio ululante:** primeiras confissões crônicas. Seleção: Ruy Castro. Cia. das Letras, 1993b.

_____. **À sombra das chuteiras imortais.** Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993c.

_____. **A pátria em chuteiras:** novas crônicas de futebol. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_____. **A cabra vadia.** Organização: Ruy Castro. São Paulo: Cia. das Letras, 1995a.

_____. **O reacionário:** memórias e confissões. Coordenação: Ruy Castro. São Paulo: Cia das Letras, 1995b.

_____. **Flor da Obsessão:** frases selecionadas. Seleção: Ruy Castro. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

GOPNIK, Adam. **Montaigne on trial.** The New Yorker, 16/01/2017. Disponível em: < <http://www.newyorker.com/magazine/2017/01/16/montaigne-on-trial>>. Acesso em: 14/01/2017

RÓNAI, Paulo. **Encontros com o Brasil.** Rio de Janeiro: INL-MEC, 1958.

PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo.** Trad. Dion Davi Machado. São Paulo: Experimento, 1996.

SPRING, Alexandra. **Montaigne it's good to make fun of yourself**. The Guardian, 25/04/2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/australia-culture-blog/2015/apr/25/montaigne-new-faces>>. Acesso em: 14/01/2017

STAPFER, Paul. **Shakesperar et l'antiquité**. Paris: Libraire Sandoz e Fischbacher, 1880, 2º v.

TRAJANO, José. **As coisas incríveis do futebol**: as melhores crônicas de Mário Filho. Editora Ex Machina, 23/06/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ggJ_pcLnZ0&t=2s>. Acesso em: 08/06/2017

TV CULTURA. **Especial 50 anos**: Amarildo e a contusão de Pelé. Rluiz66, 31/05/2012. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=LhakRKXvzCk>>. Acesso em: 12/06/2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Trabalho acadêmico: guia fácil para diagramação**: formato A5. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/GuiaRapido2012.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2013

VOGEL, Daisi. **Fábulas do Gol**: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLIT0005-D.pdf>>. Acesso em: 12/06/2017.

VOGEL, Daisi. **Borges e a entrevista**: performances do escritor e da literatura na cena midiaticizada. Florianópolis: Insular, 2009.

WOOLF, Virginia. **Montaigne e The modern essay**. In _____. A woman's essay. London. Penguin Books, 1992.